

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

JÚLIA LÍGIA OLIVEIRA GONZAGA

*Preciso lhe contar:*

sobre o olhar, as palavras e a experiência do fazer

Juiz de Fora

2019

Júlia Lígia Oliveira Gonzaga

***Preciso lhe contar:***

sobre o olhar, as palavras e a experiência do fazer

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Maddalena Trifilio Dias

Juiz de Fora

2019



JÚLIA LÍGIA OLIVEIRA GONZAGA

***Preciso lhe contar:***

sobre o olhar, as palavras e a experiência do fazer

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciada em História.

Juiz de Fora,

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Juliana Maddalena Trifilio Dias

Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Profa. Dra. Yara Cristina Alvim

Universidade Federal de Juiz de Fora

A ti pai,  
por todas as conversas que deixam saudade.

## AGRADECIMENTOS

Gratidão. Talvez este seja o espaço mais importante de todo o texto. É nele que sentimos com maior clareza, que por trás dessas palavras existe alguém, e que esse percorreu um trajeto até chegar aqui. Nenhum caminhar é solitário, por mais que se sinta só, existe àquele que fala e com ele toda uma vida. Dizem que a palavra gratidão vem também do sentido de *elogio*. Transformo assim, as linhas desse texto em uma escrita, inscrição ou registro, que propõe reconhecer e elogiar as pessoas que encontrei ao caminhar, que sustentaram meus passos.

Gratidão **mãe e irmã** (que por muitos anos, chamei também de mãe). Vocês duas, juntamente com o pai, ensinaram-me a andar, a falar, a escrever as primeiras palavras. Lembrome Ju, de quando sentava comigo para fazer os primeiros deveres da escola, carregou aquele velho caderno comigo, e tudo o que ele significa. Mãe, o trabalho de suas mãos, que faz com tanto amor, está aqui nessa escrita e em tudo que sou, em tudo que sempre fez por todos nós. Vocês tornaram um sonho meu, parte da vida de vocês, lidaram com a ausência, com a incompletude. Deram-me tempo para o estudo e abraço amoroso. Por inúmeras vezes, deram-me motivos para continuar. Gratidão.

Gratidão **Kleyton**, por ter me ensinado que a vida pode sim ter um sentido, ou que ao menos, vale a pena ser vivida. Seu jeito doce de ouvir cada um dos meus lamentos, das minhas fraquezas, de abrir-me às fragilidades humanas e ao mesmo tempo, ser fortaleza. Tudo isso não existiria sem você, sem nossas conversas sobre o *tornar-se*, sem o seu apoio, seu ouvir, suas palavras e seu abraço que se transformou em refúgio. Talvez, você tenha doado mais do que tempo, confiança, amor, esperança e ombro-amigo, doou-me vida. Faltam-me palavras para agradecer, por isso digo que te amo, todos os dias, e agradeço pela sua existência. Gratidão.

Gratidão **família**, a que nasceu juntamente comigo, e a que se fez dia após dia. Não conseguiria citar o nome de todos, mas não poderia deixar de dizer que **Vó**, a força do seu existir, da sua luta, do seu ser mulher, do seu sorrir e do seu abaixar a cabeça ao sofrer, seguem comigo. Obrigada **vó** por me ensinar tanto, principalmente sobre o amor. **Vanusa e Kepper**, obrigada por tanto, principalmente o olhar de apoio em meio ao sofrimento do julgamento, da fraqueza e da tristeza que tanto adocece. **Maria Conceição e Luiz**, a família que se fez, que desde o primeiro abraço transmitiu-me amor e segurança. Gratidão pelo respeito, pelo olhar de apoio, pela preocupação constante, pelo cuidado.

Gratidão **Guilherme**, por deixar que me desfizesse de mim mesma todas as vezes em que estávamos juntos. Com você, posso elogiar o significado de amizade, daquilo que não se cobra, não se pede, mas representa-se pela *doação* da palavra, do olhar, do ouvir. Sou grata por cada conversa, por cada risada ou desabafo, por todas as vezes que me formei contigo. Gratidão por todas as pausas para pegar um livro e ler uma de suas frases, com tanto respeito e carinho, que parecia trazer para aquele espaço, o autor. Fique bem. Gratidão.

**Luísa**, gratidão pela companhia, confiança e amizade. Com você vivi os momentos mais difíceis, e sei que não foram fáceis para ti também. Gratidão pelo silêncio que fala mais do que a palavra, e por ter tomado para si, muitas vezes, o peso das minhas inseguranças. Gratidão.

Gratidão **Universidade Federal de Juiz de Fora e professores**, com vocês pude sentir o que é isso de sair de casa e se aventurar em uma nova cidade e em um espaço que nunca antes havia estado que é a universidade. Pude desprender-me de velhos modos de ver, ou valorizar mais alguns, e talvez, essencialmente, sentir que a universidade é para todos, e não para os mais inteligentes, qualificados ou dedicados, sentir o real significado de *público*. Gratidão, pois nesse lugar que é morada, pude voltar a sentir o balançar das árvores ao deitar no bosque, a sentir prazer em cada livro lido, a pensar na palavra (e no gesto) *política*, entender-me como estudante, e começar o meu caminho no tornar-se professora. Gratidão.

**Yara**, embora pudesse agradecer-te juntamente com os amigos ou com os professores, resolvo escrever elogios para ti separadamente, pois nunca esquecerei do seu abraço quando retornei à Juiz de Fora e das vezes que mostrou-me que embora me sentisse sozinha e impotente diante do momento em que estava, de alguma forma, poderia contar contigo. Com toda certeza, muito de ti, está aqui, e seguirá comigo pelas salas de aula. Gratidão.

Gratidão **Juliana**, desde a nossas primeiras palavras. Sua orientação foi um suspiro para mim, a cada conversa um motivo a mais para continuar. Obrigada por ter percorrido o caminho comigo, foi uma honra ter tido sua companhia, seu jeito belo de ver o mundo, de respeitar o meu movimento, minha escrita e o meu sentir. Levarei comigo cada uma de suas palavras, e espero que elas permaneçam. Gratidão.

Gratidão **Sebastião, Nilton e Juvenal**. Sem a abertura e a companhia de vocês no caminhar dessa pesquisa, o movimento não seria o mesmo. Gratidão por aceitarem o convite, permitir a minha entrada na sala de aula, na escola, na contação de estória, no ateliê, no coração, nas palavras. Gratidão.

Gratidão **pai**, por tanto que não caberia nesse papel, por isso decidi dedicar a você esse caminho, essas minhas palavras. Seguirá comigo durante cada linha, e quando chegar ao fim eu sei no fundo, que poderei sentir o seu sorriso, o seu olhar de orgulho como sempre e que

continuará comigo, dando-me força para seguir. Parte de mim é ti, a parte que carrega a experiência do fazer, o amor, o cuidado e o tempo que se perde. Por isso pai, gratidão.

*“Tal vez, entonces, tengamos que considerar que sólo si estamos dispuestos a la experiencia del silencio creador y partirnos de risa mientras pensamos - quizá mientras nos reímos de nosotros mismos - logremos hacer lo que sólo los niños saben hacer a la perfección: tomarnos el trabajo a risa mientras jugamos con toda la seriedad del mundo.”*

*Fernando Bárcena*

## RESUMO

A presente escrita constitui-se como um caminho de encontro, reflexão e atenção sobre a *experiência do fazer*. Em busca de compreender o que é isso de ser professor(a), procurou-se atentar ao trabalho como *experiência*. Através do diálogo com autores como Fernando Bárcena (2004); Richard Sennet (2009); Jorge Larrosa (2018) e Maarten Simons e Jan Masschelein (2017); bem como com a pesquisa narrativa realizada com três professores da rede básica de ensino, o fazer ganha forma. O *Preciso lhe contar* representa atenção à palavra dita, ouvida, lida ou vista; um convite ao caminho que é permeado por palavras que dizem sobre a *experiência do fazer*. A experiência significada através do interno e externo do ser, deixa marcas no sujeito e o coloca para fora de si, em movimento de despedida. O fazer é observado pelos gestos de nossas mãos, o uso das ferramentas, técnicas e palavras que caracterizam o trabalho, o qual dedicamos tempo e cuidado. Busca-se olhar o fazer humano em um ritmo distinto da lógica profissionalizante e individualizada, mais próximo da essência do bem-feito e do lugar que aproxima o sujeito daquilo que suas mãos fazem.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência. Trabalho. Professor. Palavra.

## RESUMEN

Esta escrita se constituye como un camino de encuentro, reflexión y atención sobre *la experiencia del hacer*. Para entender lo que es ser profesor, buscamos mirar atentamente al trabajo como *experiencia*. A través del diálogo con autores como Fernando Bárcena (2004); Richard Sennet (2009); Jorge Larrosa (2018) y Maarten Simons y Jan Masschelein (2017); además de la investigación narrativa realizada con tres profesores del sistema de la escuela primaria, el *hacer* toma forma. El *Necesito Decirte* representa la atención a la palabra hablada, escuchada, leída o vista; una invitación al camino que es cruzado por palabras que hablan sobre *la experiencia del hacer*. La experiencia significada a través de lo interno y externo del ser, deja marcas en el sujeto y lo coloca fuera de sí mismo, en un movimiento de despedida. El *hacer* se observa mediante los gestos de nuestras manos, el uso de herramientas, técnicas y palabras que caracterizan el trabajo, al que dedicamos tiempo y cuidado. Se busca mirar el hacer humano en un ritmo diferente al de la lógica profesionalizada e individualizada, más cerca de la esencia del bien hecho y del lugar que acerca el sujeto a lo que hacen sus manos.

PALABRAS CLAVE: Experiencia. Trabajo. Profesor. Palabra.

## SUMÁRIO

<b>CARTA ABERTA</b> .....	<b>13</b>
<b>JANELA</b> .....	<b>15</b>
<b>DESPEDIDA</b> .....	<b>19</b>
<b>FORMA DA VIDA</b> .....	<b>22</b>
<b>SABER-FAZER</b> .....	<b>25</b>
<b>O QUE É ISSO DE SER PROFESSOR(A)</b> .....	<b>28</b>
<b>AS PALAVRAS QUE CONTAM A EXPERIÊNCIA DO FAZER</b> .....	<b>36</b>
<b>ABERTURA</b> .....	<b>36</b>
<b>LUGAR</b> .....	<b>39</b>
<b>PALAVRA</b> .....	<b>45</b>
<b>CUIDADO</b> .....	<b>51</b>
<b>MARCAS</b> .....	<b>56</b>
<b>PRECISO LHE CONTAR</b> .....	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>62</b>

**CARTA ABERTA**

21 de junho de 2019

*Preciso lhe contar sobre minha pesquisa,  
este final perdeu o sentido desde que você se foi,  
desde que sei que não vamos comemorar juntos a nossa vitória.  
O que eu tenho feito é tentado, uma, duas, três mil vezes.  
Tem dias que realmente não dá,  
outros dias, eu penso na sua alegria, sua força e sua admiração por toda a minha luta,  
e continuo tentando.*

*Sabe aquele dia que disse que eu era professora?  
Queria me (des) culpar, por ter dito que ainda não era,  
e pedido para que aguardasse até o fim do ano.  
Ah, como eu passei anos sonhando com o dia da formatura,  
e você me fazia sonhar com ainda mais força, com ainda mais amor.*

*Sabe pai,  
você sempre me apoiou nessa caminhada,  
dava pra ver nos seus olhos que tu sonhavas tanto quanto eu com esse momento.  
Eu abandonei os meus desejos antigos de pesquisa,  
decidi me dedicar ao que você me disse, na sua bela inocência, naquela sala de hospital, com  
tanto brilho nos olhos, e com um sorriso lindo  
- ELA É PROFESSORA.*

*Preciso lhe contar pai,  
que foi uma das escolhas mais difíceis que já tomei.  
É sensível demais pra mim envolver suas palavras nesse movimento,  
mas foi a forma que encontrei de te trazer pra esse momento,  
que tanto sonhamos.*

*Com você, com a mãe,  
eu percebi que o que fazemos, nos enche de vida,  
a sobrevivência é tão importante,  
mas fazemos o que fazemos não só por ela, mas porque amamos.  
Sabe quando você me contava sobre a varanda que havia construído?  
Do banheiro, do telhado?  
De como os donos da casa ficaram muito felizes com o que você fez?*

*Ah pai, e o seu amor pelas suas ferramentas,  
seu cuidado.  
Me lembro do seu acordar, da marmita de alumínio, da mochilinha,  
de você arrumando suas ferramentas na moto e indo dar forma aos sonhos dos outros.  
E fazia com tanto amor.*

*Percebi que o ser professora, vai além da forma de garantir a sobrevivência.  
Percebi que o que fazemos, representa como estamos nesse mundo.  
Assim como cuidamos da família, de nós mesmos,  
cuidamos do mundo, dos outros, da vida.  
E isso pode ser uma experiência, pode ser poesia.*

*Essa pesquisa é sobre você,  
sobre mim, sobre as pessoas,  
sobre a vida, sobre a forma da vida.  
Sobre as ferramentas na mochila,  
sobre o olhar cansado, mas as palavras que contam a experiência do fazer.  
Sobre as marcas que ficam, que construímos.*

*Preciso lhe contar,  
pai.*

## JANELA



*Depois da janela existe as montanhas,  
esse mar de montanhas que consegue despir até as mais firmes rochas  
e permiti-las contemplar.*

Querido(a) leitor(a),

de alguma forma eu e você chegamos até aqui. Não sei ao certo como, nem porquê.

No fundo, esta carta é um convite a continuar, percorrer este caminho de encontro, ler cada uma dessas minhas palavras. Sinta-se diante de uma janela. Eu sei que corriqueiramente elas são usadas como metáforas, assim como as portas. Mas eu lhe peço, sente-se diante dessas palavras e se gostar, passe um café bem quentinho. Antes de mergulhar nessa leitura, observe: você está diante de uma janela.

Quando um fotógrafo ou um pintor, registra uma janela, nem ele, nem nada do que está ao seu redor aparece, somente ela e aquilo que a mesma dá a ver. As montanhas da minha simples janela (de quem não possui conhecimento de desenho), estão ali, mas é impossível tocá-las. O céu, tão azul e vívido, está ali, mas é impossível alcançá-lo ou sentir todos os raios do sol. Mas perceba, diante de uma janela o silêncio nos permeia, para registrá-la é preciso atenção, até mesmo para os amadores.

Não se preocupe tanto com o que quero dizer, com o que pode existir entre as linhas. Não se preocupe tanto com como essas palavras podem lhe ajudar, ou como podem dizer sobre ti. A janela é esse texto (as palavras que escrevo, as palavras que você lê), e o que de fato podemos tocar são essas páginas e aquilo que elas dão a ver.

Eu estou aqui, em um momento anterior ao seu. Neste lugar agora desfocado, escuro, pois o meu olhar está direcionado à janela. Estou tentando descrever meus passos, tentando transmitir meus sentimentos, ou somente (e não em sentido de inferioridade, mas de totalidade e complexidade), assim como a pessoa por trás da câmera ou do pincel, tentando registrar para a posteridade o que meus olhos veem, tentando fazer com que esse caminho de encontro chegue até você.

Poderia apenas fazer uma cópia de meu caderno e lhe enviar. Nele contém um percurso, meus inícios, meios e fins, assim mesmo, no plural. Em um filme<sup>1</sup> que assisti recentemente, o professor diz aos alunos que insiste que tenham um caderno e que nele façam os exercícios e deveres de casa, por dois motivos: o primeiro deles é para que tenham disciplina (essa palavra que tanto nos assusta e que cada vez mais nos parece oposta a liberdade), e segundo, para que possam ver tanto o que fizeram hoje quanto as atividades do mês anterior. E com isso, lembro-me de dois outros momentos: quando Daniel Pennac<sup>2</sup>, ao contar sobre como era um mau aluno e sua constante falta de memória, diz que de fato, *não captava nem copiava*, e as palavras se perdiam. E por fim, recordo-me da definição de estudar de Jorge Larrosa, que diz "Estudar: algo acontece. Entre ler e escrever, algo acontece."<sup>3</sup>

Meu caderno está diante de mim, e nele todas as minhas inquietações desde o primeiro dia desse movimento até hoje. Todas as palavras que me marcaram em cada leitura ou em cada conversa. É para mim, um desenho de um caminho de encontro com a pesquisa, com o tema, com o estudo. A disciplina dita pelo professor, está aqui. O exercício de ler, fichar, destrinchar os textos. O exercício de vivenciar, conversar com os sujeitos e escrever o diário, também está aqui. As palavras não se perderam, como acontecia com Pennac, pelo menos não todas. Algo foi acontecendo comigo ao longo desses meses, mas há algo mais, algo que só pode ser preenchido através dessa escrita, dessa nossa janela.

Quando decidi pesquisar e ir ao encontro do ofício do professor, levada essencialmente pelo reconhecimento antecipado de alguém muito importante para mim, buscava compreender o que é isso de ser professora. As minhas inquietações giravam entorno da relação dos sujeitos com aquilo que eles fazem, bem como o que constitui o seu fazer. No início da pesquisa comecei a enxergar o processo como um caminho, o qual nomeei de *caminho de encontro*. Não sabia ao certo como seria o percurso, nem ao menos o que encontraria ao final. Juliana dizia que as coisas iam se abrindo, íamos descobrindo ao caminhar. Senti que tudo ganhava sentido quando

---

<sup>1</sup> Trata-se de *Khane-ye Doust Kodjast?* [*Onde fica a casa do meu amigo?*] de Abbas Kiarostami (1987).

<sup>2</sup> No livro *Diário de Escola* (1944), página 19.

<sup>3</sup> No livro *P de Professor*, escrito em conjunto com Karen Rechia, no verbete *Caderno*, página 91.

conheci as palavras de Bárcena, que diziam: “Cuando ya se sabe previamente adónde se quiere llegar, falta la dimensión de la experiencia.”<sup>4</sup>

Durante a infância, despertei um amor pela leitura e pela escrita. A pequena biblioteca da escola do bairro me recebia. Lembro-me de quando conheci a biblioteca municipal, tudo aquilo parecia de outro mundo para mim. Conversei com minha mãe para que pudesse me cadastrar, toda semana um livro novo para ler. Acredito que o melhor lugar para mim, até hoje, é ao lado das palavras. Aqueles versinhos de criança, os poemas da adolescência, ou as crônicas da juventude. Como cantar no chuveiro, a escrita tornou-se para mim uma espécie de refúgio, a busca pelas palavras a minha forma humana de nomear o sentir.

As palavras contam a experiência. Uma cantiga, uma história contada debaixo do pé de manga, um livro, uma carta, a voz do locutor do rádio. Palavra escrita, dita, lida, gesticulada, vista ou ouvida, seja qual for a forma da palavra, ela em si representa a forma da vida humana. Aqui nessa nossa janela ela simboliza muito mais do que a maneira como chego até você. A palavra é objeto de estudo, é método, é modo de ver. Se pudesse representar o caminho, provavelmente no lugar das pedras, do asfalto ou da terra, estariam palavras.

Durante o percurso, assim como lhe convidei para passar um café bem quentinho, chamei ao encontro (diretamente ou indiretamente) algumas pessoas. Com Sebastião troquei cartas via e-mail, que diziam sobre *degustar das palavras dos outros*, sobre os lugares que encantam e que geralmente moram logo depois *que a estrada se despe para a simplicidade*. Pessoas como Juvenal, que me levam para ouvir histórias e estórias. Cada estória contada, ganha vida nos olhares de quem ouve; cada estória ensinada, ganha vida nos olhos de quem tenta chegar até o autor. Pessoas como Nilton, que tentam colocar sobre a mesa mais do que os lápis e papéis de desenho, mas o cuidado, e que ao passar pela sala de aula um varal com os desenhos de seus alunos, pergunta: *você sabe qual é o seu?* Indiretamente, através da leitura atenta, encontrei pessoas como Jorge Larrosa que mais do que me fazer pensar sobre a experiência, me faz pensar cotidianamente no estudo como amor, como uma forma de *aprender a dar sentido à vida*. Fernando Bárcena, que me fala sobre os começos, sobre o olhar, a palavra como doação e o *silêncio criador*. Richard Sennet, em seus inúmeros exemplos de trabalhos de artesãos, no fim, me diz sobre a experiência no sentido do íntimo e do externo. São algumas pessoas, entre tantas!

Todas essas têm um pontinho em comum, são professores. Para além, são seres que compartilham a sua existência, sua vida a partir da narrativa. Contam para seus vizinhos,

---

<sup>4</sup> Fernando Bárcena no livro *El delirio de las palabras: ensayo para una poética del comienzo*, p.181.

amigos, leitores, alunos ou estudantes, um pouco de si. Através deles pude encontrar a simplicidade; o tempo que (h)ora para (h)ora acelera e se desfaz; a escola viva, a escola vazia; o professor; o escritor; o artesão; o pintor; o contador de histórias. Pude me desfazer e refazer. Hoje, sento com um café do lado e quero realmente poder lhe contar.

## DESPEDIDA

*Quando o asfalto acaba e ali o cheiro da poeira da estrada de chão começa,  
é como se a estrada se despisse, a simplicidade começa aparecer,  
os verdes (tons) se misturando com as montanhas,  
o cheiro de cada planta de cada árvore,,,, sei lá, é diferente para mim.  
Me sinto em casa, com toda esta simplicidade.*

Sebastião

Tenho sentido uma vontade enorme de dar aulas. Não acredito que assim esteja cumprindo meu papel na sociedade, nem que fazendo isso mudarei o mundo. Mas sinto uma vontade enorme de dar aulas. Isso de se deslocar, entrar neste espaço quase mágico que é o escolar e deixar de fora parte de mim. Caminhar até a sala de aula, encontrar estas crianças e adolescentes, desejar que nosso dia seja bom, escrever no quadro o nosso tema de estudo e ser permeada por aquilo que chamamos de aula. É certo que haverá dias em que não conseguirei abandonar parte de mim ao atravessar os muros, talvez isso ocorra com alguns alunos também. Essa coisa de voltar-se para fora não é das mais simples. É certo que algum dia a energia elétrica ou alguma ferramenta escolar, não funcionará. Pode ser que nada disso ocorra, e mesmo assim resolva sair da sala, juntos, e ver, escrever e pensar, na luz natural. É certo que haverá dias em que o desânimo ou a desilusão falarão ainda mais alto que a esperança e a vontade de fazer as coisas bem. Mas espero e desejo que esses dias sejam raros, quase que inexistentes. No fim, isso que nomeamos de escola ou de educação, não precisa de mim. Pelo menos não como uma super-heroína, uma salva vidas que resgata as crianças da ignorância e do desconhecimento ou uma detentora do saber. Pelo menos não como uma máquina formulada e pré-moldada para dizer as coisas certas na hora certa, ou reproduzir os mesmos gestos, expressões e frases que outro alguém deseja. No fim, isso que chamamos de escola ou de educação, não precisa de mim. Por isso, me despeço.

Estranho. Nunca vi um texto, livro, trabalho ou até mesmo uma carta, que começasse com uma despedida. Talvez você também não. Normalmente, quando vamos à alguma conferência, o último slide ou as últimas palavras sempre são de despedida. Quando conversamos com alguém, ou escrevemos uma carta, também somos marcados pelo *até breve*,

*adeus*. Mas aqui é diferente, nossa janela já deixou pistas de que o pintor ou o fotógrafo não está na imagem capturada, embora cada traço, cada ângulo, cada olhar, sejam dele.

Despedir-se é como um despir, um desfazer-se. Mesmo que tenha em mente um retorno, sabemos que no fundo, nunca (re)torna-se totalmente, há algo que muda. Despir-se é colocar-se para fora, em movimento de entrega, é desimpedir-se de si mesmo. Já há tanto de nós em tudo. Buscamos rotineiramente mostrar aos outros (e as vezes até à nós mesmos) quem somos. Afinal, quem somos, o que fazemos e o que queremos são perguntas comuns e quase que impossíveis de serem respondidas com tranquilidade.

A valorização da subjetividade transformou-se em uma característica do nosso século. O autoconhecimento, que em muito é benéfico e essencial, tem sido elevado à uma ausência do olhar ao próximo e ao mundo. Um autoconhecer que busca a superioridade do ser. O filósofo Byung-Chul Han, ao comparar o sujeito da obediência com o sujeito do desempenho destaca:

O sujeito do desempenho da modernidade tardia não se submete a nenhum trabalho compulsório. Suas máximas não são obediência, lei e cumprimento do dever, mas liberdade e boa vontade. Do trabalho, espera acima de tudo alcançar prazer. Tampouco se trata de seguir o chamado de um outro. Ao contrário, ele ouve a si mesmo. Deve ser um empreendedor de si mesmo.<sup>5</sup>

Em busca da liberdade e da felicidade, procuramos romper com as amarras dos grandes chefes autoritários. O emprego dos sonhos tem se tornado aquele que dá flexibilidade de tempo - acordar mais tarde, sair mais cedo, ou até mesmo nem precisar sair de casa para executá-lo. Nas empresas, um *lounge* ou *playground* gera a alegria e satisfação dos funcionários, o *co-working* o ambiente de trabalho desejado e a *multitasking* a melhor habilidade. No ritmo acelerado das transformações e demandas da nova sociedade, bem como na ideia de dispensabilidade, não nos reconhecemos no que fazemos, nem no lugar em que fazemos, apenas em nós mesmos.

A despedida é um movimento contrário. Contra a supervalorização do eu. Não quero dizer que somos simplesmente dispensáveis ao colocar que a educação não precisa de mim, muito menos que podemos ser substituídos por máquinas ou vídeo aulas. Mas quero colocar-me em movimento de despedida – do eu acima do fazer, e lhe convidar a seguir assim durante o caminho. O indivíduo que se abre à experiência, ou ao mundo, ou ao fazer, primeiro despede-se de si mesmo, assim como para abrir-se à novas ideias primeiro precisamos colocar as nossas sobre a mesa e nos afastar.

---

<sup>5</sup> Byung-Chul Han, no livro *Sociedade do Cansaço*, página 83.

Toda despedida carrega algo que fica e algo que se desfaz. Talvez você já tenha visto a cena de uma criança indo pela primeira vez à escola, ou até mesmo se lembre da sua primeira vez. A princípio parece uma típica cena de despedida: o peso da tristeza, do medo e da insegurança. De um lado, os pais que precisam soltar as mãos do(a) filho(a), deixá-lo(a) entrar por aqueles portões, sem saber ao certo como serão as próximas horas dentro dos muros e paredes da escola. Por outro lado, existe a criança, que talvez nunca tenha se imaginado sem os pais ou a família e agora precisa seguir por esse lugar ainda desconhecido. Há algo que fica, a criança não se esquece que possui uma vida lá fora, que seus pais estão lá ou que ela voltará para casa depois da aula. Há algo que se desfaz, como a sensação de total dependência e a ideia de que o mundo é (somente) aquilo que lhe é comum e vivenciado em casa. Sem a separação – essa despedida que ocorreu nos portões – a experiência e a escola por si mesmo não existiriam.

Assim como a janela que se abre ou se fecha, e ora dá a ver ora oculta, a despedida toma forma de janela, sua ausência oculta ou dificulta a visão de um mundo sendo apresentado, sua presença ilumina. A despedida é janela, é caminho, ferramenta básica da experiência. Assim como a estrada de asfalto descrita por Sebastião, na epígrafe que abre o capítulo, é como se o sujeito se despisse e assim, a experiência, o fazer, o estudo e a escola, comesçassem a aparecer. *Os verdes tons* são as ferramentas escolares, o papel branco sob a mesa, que desenha e ganha cor com giz de cera ou lápis de cor. *O cheiro de cada planta* é o som vindo do pátio, no intervalo. Sebastião diz se sentir em casa em meio a essa simplicidade que apareceu. Na escola, existe a possibilidade de nos sentirmos estranhos, fora de casa, fora de si, diante dos outros, diante do mundo.

No fim, o caminho continua aberto, assim como o convite. Percorrê-lo é degustar palavras, saborear o passado e sentir o gosto, o cheiro e o som da despedida. Seja da entrada na escola, da partida de alguém querido, ou do abandono do próprio eu. O sentimento que carregamos no percurso é de estranhamento, o esforço contínuo de estar diante da ausência de parte de si e da presença do desconhecido. Talvez o nosso caminho chegue até a caverna.

## FORMA DA VIDA

*Uma das características do nosso tempo (embora isso tenha sido preparado por muito tempo) é a desvinculação entre o fazer (e o saber-fazer) e o viver (o saber-viver) ou, se preferir, entre nossas implicações práticas com o mundo (reduzida não mais ao trabalho, mas à mera “ocupação”) e nossas formas de vida.*

Jorge Larrosa

São cinco e meia da manhã, o alarme desperta. Ela é a primeira a acordar, todos os dias. Ajoelha-se, faz sua oração, levanta e vai preparar o café, a quitanda e as marmitas do dia. Mesmo ainda sonolenta, começo a ouvir os sons dela vindo da cozinha. São seis horas da manhã, o alarme desperta, posso ouvir. Mesmo sem ver sei que ele faz o mesmo ritual da esposa, ajoelha-se, em total silêncio faz sua oração, levanta e começa a se preparar. São seis horas e quinze minutos da manhã, o alarme desperta, ela acorda e vai se arrumar, no mesmo momento também acordo. Todos disputam o banheiro. A mãe, a primeira a acordar, já preparou tudo para todos. O pai, pega a marmita de alumínio, a garrafa de café e coloca na mochila já desgastada. As filhas se arrumam, uma para o trabalho, outra para a escola. Vejo o pai saindo - se despede, abre a porta da garagem, pega as ferramentas que precisará no dia e coloca na mochila, sobe na moto e vai. A filha sobe em sua moto e também vai. A mãe sai a pé, vai. Eu pego o ônibus e vou. O dia começa.

A descrição acima é uma memória individual, de anos vivendo cotidianamente essa sequência, esses sons de alarme, essas partidas. No fundo sei que inúmeras pessoas podem ter memórias como essas. Somos criados desde criança para compreender que a vida é assim, que o pai e a mãe saem todos os dias para trabalhar e nós vamos estudar ou trabalhar também. Vamos percebendo que o trabalho sustenta a vida, o teto, a comida. Passamos a infância e a adolescência pensando no que vamos ser quando crescermos e quando nos tornamos grandes o suficiente, seguimos trabalhando pela maior parte da vida.

Quando escrevi o projeto que antecede essa escrita, disse que meu objeto seria o trabalho, e que esse representava algo já naturalizado em nossa sociedade. Não só *nascemos, crescemos e nos reproduzimos*, nós trabalhamos. A sociedade atual é marcada por esse ato. Trabalhar faz parte da nossa existência. Como trabalho compreendo o fazer humano, aquilo que

o mesmo destina tempo e cuidado. Pode-se definir por trabalho o fazer de um indivíduo que todos os dias carregava pedras para construir um templo, mesmo que para isso não recebesse um salário, mas que o fizesse voluntariamente, ou seja, por próprio desejo. Também pode-se definir por trabalho, aquele que faz parte da descrição anterior, o de meu pai, pedreiro, que de forma autônoma, construía ou reformava casas de outras pessoas, e por isso recebia um valor previamente estabelecido pelo seu esforço diário, assim como minha mãe que limpa casas diferentes a cada dia. Embora sejam trabalhos tidos como menos valorizados, os dois possuem amor ao seu fazer, destinam a ele tempo e cuidado. Pode-se hoje dizer que é um faz tudo de determinada empresa, que esse é o seu trabalho, e listar todas as competências que desenvolve. Mas talvez não consiga propriamente definir o seu fazer, ou ao menos se reconhecer nele. Existe assim, uma diferença entre o trabalho como profissão ou ocupação e o trabalho como experiência do fazer.

A forma como estamos presentes naquilo que fazemos, como significamos um dia de trabalho ao compartilhá-lo com alguém ou como cuidamos das nossas ferramentas, diz sobre essa diferença. É claro, aqui *trabalho como profissão* e *trabalho como experiência do fazer*, tornam-se pontos de reflexão, quase como se cada um deles tomasse forma de conceito, passível de ganhar novos sentidos. A profissão é atualmente o que regulariza e garante direitos aos trabalhadores. Esse termo que muito está ligado ao belíssimo verbo professar (que também está relacionado à professor), tem sido cada vez mais banalizado. Profissão, profissionalizante, profissional representam no senso comum, qualidade e melhor desempenho. Somos a todo momento, levados a nos aperfeiçoar em busca de melhores chances de conseguir um emprego ou ser promovido. A experiência do fazer é a representação de um tempo que busca ser desacelerado, daqueles que dizemos que não vimos a hora passar. Um tempo que se perde diante do ritmo de um muro sendo levantado, de uma pintura sendo feita, de uma aula. O sujeito-fazedor (aquele que envolto no fazer, dá a ele forma) também se perde, se despede, dá à luz as ferramentas, ao tempo, as palavras do fazer. Mesmo que ao fim se saiba que o trabalho foi feito por aquele indivíduo, durante o percurso o que representa o fazer não é o máximo desempenho de si do eu profissional, ou suas qualidades e competências, mas o trabalho por si mesmo.

A palavra experiência pode ser significada de diversas maneiras. Talvez, a mais utilizada seja a ideia de experiência como acúmulo quantitativo, ou seja, a pessoa mais experiente é aquela que viveu mais anos ou que trabalhou durante mais tempo com algo. Assim, a experiência tanto está relacionada com quantidade quanto com vivência. A ideia de que a experiência é singular, já nos é aceita. Com isso, não quero dizer que ela não possa ser

compartilhada, mas sim que a representação ou a narrativa da experiência, é outra coisa, e que isso pode também abrir novas experiências.

Vivemos em uma época em que as pessoas buscam a superioridade e a qualidade. Com a expansão das tecnologias da informação, principalmente com as redes sociais, os indivíduos estão sempre à procura de novas descobertas, aquelas que ficam bem fotografadas. Uma viagem internacional, uma conferência com algum intelectual famoso ou um prato gourmet. Assim, as empresas capitalistas têm transformado suas formas de chegar até o cliente e vender seus produtos. Um dia na fazenda vivendo o que um sujeito-fazedor do campo faz todos os dias, por exemplo, tem sido comercializado como *experiência*. A vida, o pôr do sol e a simplicidade, tornam-se produtos *instagramáveis*<sup>6</sup>.

Quando digo experiência do fazer, o significado da palavra experiência não é nem acúmulo quantitativo, nem vivência (pelo menos não como vimos no exemplo anterior). Aqui, o termo está relacionado com a definição desenvolvida por Richard Sennet, através de sua breve etimologia.

É o conceito de experiência, palavra de conotações mais vagas em inglês do que em alemão, que a divide em duas, *Erlebnis* e *Erfahrung*. A primeira designa um acontecimento ou relação que causa uma impressão emocional íntima, a segunda, um fato, uma ação ou relação que nos volta para fora e antes requer habilidade que sensibilidade.<sup>7</sup>

Assim, a experiência está ligada ao íntimo do ser: ao que nos fala mais alto e deixa marcas, e ao movimento do capítulo anterior, a despedida. O trabalho pode marcar o sujeito que o faz, pode inclusive emocioná-lo. O trabalho também pode despir o sujeito de si mesmo.

A subjetividade marcada pelo “*puro processo de sentir*” é questionada por Sennet. Ao destacarmos somente o sentir, prioriza-se o eu interior e individual, em outras palavras, como uma pesquisadora (mesmo que iniciante) ao tentar lhe contar o meu fazer, se este for prioritariamente uma narrativa dos meus sentimentos durante o movimento, talvez falte a dimensão da experiência, da pesquisa em si, dos demais sujeitos que a compõem ou do próprio trabalho. Se não me despeço, se não me desfaço a cada palavra, conhecerá somente a mim, ou nem ao menos isso.

---

<sup>6</sup> O termo está diretamente relacionado à rede social *Instagram* que se destaca por ser uma espécie de álbum de fotos e vídeos no qual seus usuários podem compartilhar com a família, os amigos, ou seguidores, suas vidas. Instagramável é tudo aquilo que é esteticamente bonito, superior, e que logo se tornaria uma postagem de sucesso.

<sup>7</sup> Richard Sennet, no capítulo de conclusão de *O Artífice*, p.121.

É certo, despedir-se de si mesmo não é simples. Uma das moradas da experiência do fazer está nessa complexidade. Assim como o tempo que se perde, perder a si mesmo está entrelaçado com o dar lugar ao fazer e ao cuidado das ferramentas, é envolver-se de tal maneira, que as outras coisas parecem estar suspensas. Requer habilidade, como diz Sennet, mas também requer amor, essa palavra tão inferiorizada quando colocada junto com trabalho, técnica ou profissionalismo.

## SABER-FAZER

Quando disse que o trabalho faz parte da existência humana, relaciono-o essencialmente como a nossa forma de estar no mundo. O nosso fazer simboliza a sustentação da vida, até mesmo para os que estão liberados dele. Há sempre alguém que trabalha, que constrói as casas que serão moradas e refúgios, as escolas que serão *tempo-livre* ou templo de *ensino-aprendizagem*, que planta o sustento do corpo, entre outros. Os diferentes fazeres ganham conotações e até mesmo funções sociais.

Há algo de reconhecimento e pertencimento no trabalho. As pessoas caracterizam umas às outras pela família, lugar onde moram ou o que fazem. Cotidianamente somos atingidos pelos complementos nominais, que agregam ao nosso nome uma dessas marcas. Elas nos tornam reconhecíveis, e para além, semelhantes à determinado grupo. Quando se diz que um indivíduo que acabamos de conhecer é filho de alguém que nos é familiar, em nossa mente associamos aquela pessoa, até então desconhecida, à todas as memórias que possuímos de sua família e assim nos aproximamos dela. Da mesma forma, quando se conhece alguém que veio da mesma cidade ou de algum lugar já visitado, associamos aquele indivíduo, aos habitantes e detalhes daquele lugar. Por fim, quando perguntamos *no que você tem trabalhado*, criamos uma aproximação entre a pessoa e o grupo ao qual ela pertence.

Criamos imagens que tipificam os sujeitos. Ao imaginar um artesão que fabrica móveis de madeira, logo começo a pensar em sua rotina, em seu lugar de atuação, as peças de madeira, as ferramentas adequadas para cortar, lixar, talhar e limpar. Consigo até mesmo pensar nos sons que esse sujeito ouve ao trabalhar. Há assim, elementos que dão cara ao grupo que o mesmo pertence e esses são reconhecidos socialmente. Da mesma forma, esse artesão não somente se dedica à madeira diariamente, ele possui a habilidade e técnica necessária para cuidar da mesma.

A palavra ofício, além de significar dever e compromisso, também remete ao *saber-fazer*, esse envolvimento do corpo com a técnica que pode ser descrito como uma *habilidade artesanal*. Sennet, diz que essa habilidade “[...] designa um impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho benfeito por si mesmo.”<sup>8</sup> Gestos e modos de fazer que dão forma não pela mera ocupação do tempo, ou somente pela sua rentabilidade, mas pelo desejo de que o que suas mãos fazem seja bem-feito.

Ainda sobre isso de *saber-fazer* e do trabalho como a forma da vida ou o que dá a ela forma, deparei-me com os *haikus* de Abbas Kiarostami, o cineasta citado no início desse trabalho. Sua maestria, sua maneira própria de ver e nomear o mundo, traz a sensibilidade da simplicidade à tona. Por isso, gostaria de poder lhe contar sobre a aranha de Kiarostami. Não sei, é claro, que aranha é essa, qual seu nome científico, qual o lugar onde ela estava, ou ao menos se de fato ela estava diante do autor. Mas ele a escreveu. Durante a antologia, aparecem três *haikus* sobre a aranha. O primeiro deles diz que:

A aranha  
deixa seus afazeres  
por um instante  
ante o espetáculo do alvorecer.<sup>9</sup>

Logo percebo que o que chama a atenção dele está relacionado à aranha e o seu fazer. Nesse *haiku*, Kiarostami retrata o movimento de pausa, a aranha está em um *intervalo*, naquilo que a separa de seus afazeres. O tempo é destacado e demarcado através da palavra *instante*, um breve período de tempo em que algo retira a aranha da imersão do seu fazer: o alvorecer. Algumas páginas a frente, a aranha aparece novamente.

A aranha  
contempla orgulhosa o resultado do seu trabalho  
entre o pé de amora e a cerejeira.<sup>10</sup>

Agora é outro tempo, é o fim de um trabalho. A aranha não está em pausa, retirada do olhar atento ao fazer para poder contemplar o alvorecer. Mas também está retirada do tempo e do envolvimento com o trabalho, mas nessa ocasião, por outro motivo, ela contempla coisa outra: o resultado daquilo que fez. E ela não apenas contempla, o que já muito pode nos fazer pensar sobre o trabalho, mas *contempla orgulhosa*. Há então o elemento da contemplação – do

<sup>8</sup> Richard Sennet, *O Artífice*, p.19.

<sup>9</sup> No livro *Nuvens de Algodão*, Abbas Kiarostami, p.95.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p.135.

olhar atento, e do orgulho – que remete à satisfação, um sentimento de trabalho bem-feito. Por fim, ele diz:

Ainda que me esforce  
 não compreendo  
 o porquê de tanto  
 zelo e pompa  
 no trabalho da aranha.<sup>11</sup>

A aranha está nos três *haikus* relacionada ao seu fazer. Primeiramente, separada dele, em *intervalo*, para contemplar o alvorecer. Posteriormente, separada dele, mas para contemplar o trabalho por si mesmo, o seu feito. Por fim, Kiarostami reconhece que mesmo tentando, não compreende o porquê de tanto zelo e pompa nesse trabalho. Pude assim perceber um processo do fazer sendo observado e retratado, mesmo que fictício. O mesmo nos faz pensar em várias questões que procurei abordar anteriormente sobre o trabalho.

Quando lemos as poesias, em sua belíssima forma, podemos imaginar uma representação de aranha construindo sua teia, um processo calmo e detalhado. A mesma não consegue fazê-la em um único dia, existem pausas, ela se alimenta e descansa. É surpreendente, a obra de algumas teias. O mesmo acontece com um pedreiro ao construir uma casa. Ele faz o alicerce, o contra piso, levanta paredes, e é claro, não consegue fazê-la em um único dia. Existem pausas, intervalos que separam o mesmo de seu fazer, seja para contemplar algo natural como o alvorecer, seja para sustentar seu corpo. Ele continua, nos dias, semanas e meses seguintes. Quando termina, contempla. Nesse momento, pode-se orgulhar do trabalho feito, ou considerar que poderia tê-lo realizado de outra forma. Ele sabe que aquela casa, de determinada rua e bairro, foi construída pelas suas mãos. Como disse Larrosa, “As mãos não só fazem, mas com o gesto de fazer conferem valor ao mundo.”<sup>12</sup>

Há no fim, o reconhecimento, seja do próprio sujeito-fazedor, seja de outro alguém. No caso da aranha, Kiarostami reconhece o seu trabalho, mas não consegue entender porque o faz com tanto zelo e pompa. Talvez, o fazer da aranha que constrói sua teia, de um pássaro ao construir um ninho, de abelhas fazendo uma colmeia, representem mais do que sua morada e sobrevivência, mas também seus modos de fazer as coisas bem-feitas, mesmo que todas as aranhas, pássaros ou abelhas, façam exatamente da mesma forma. O zelo é cuidado. A pompa, a procissão, o modo majestoso que se movimenta, que utiliza seu corpo e suas ferramentas.

---

<sup>11</sup> Ibid., p.159.

<sup>12</sup> Jorge Larrosa, no livro *Esperando não se sabe o quê*: sobre o ofício de professor, p.77.

## O QUE É ISSO DE SER PROFESSOR(A)

*Enfim, nós viemos a ser, nós nos tornamos.  
Mas não mudamos tanto assim. Nós nos fazemos com aquilo que somos.*

Daniel Pennac

Brincar, formar, tornar-se, ser. O que é isso de ser professor senão a forma de brincar da criança que representa um ofício, um fazer que admira; a inserção na cultura, no estudo, nas técnicas e ferramentas durante a formação; o professor que chega na sala de aula e recebe cada um de seus alunos ou o reconhecimento de outro alguém que te chama de professor? Pode-se dizer, ao fim, que estava predestinado a sê-lo, constatar que o é porque desde a infância sua única brincadeira era essa, ou perceber que vocação está relacionado com o encontro, a entrega e o amor.

Houve uma época em que todos os dias era professora. Acordava, tomava um copo de leite com achocolatado e descia para o porão de casa, onde havia um quadro escolar pequeno. Não havia alunos, mas em minha mente de criança, eles estavam ali. Era minha brincadeira preferida. Foi assim que comecei a somar e subtrair os números, dividir sílabas e conhecer os nomes dos estados do país. Não fazia ideia do que queria ser quando crescesse.

Cresci, parei de brincar de escolinha e não mais ficava de pé escrevendo no quadro a resolução dos exercícios, comecei a passar a maior parte do tempo sentada tentando resolvê-los, sendo a aluna que se preocupa com o que vai cair na prova. Entrei para a universidade, um espaço que sempre morou em meu imaginário – como serão as bibliotecas, os professores? Decidi me formar professora de História, não porque passei a infância sendo uma (mesmo que na brincadeira), mas porque percebi-me apaixonada pelo ato de estudar. Uma das minhas inquietações ao entrar na juventude era a de que eu não sabia fazer nada além de estudar. Ficava decepcionada, com sentimento de incompletude, afinal, as pessoas sabem tocar algum instrumento, cozinhar, pintar, e eu sentia que a única coisa que sabia era sentar, ler as palavras de um livro, escrever minhas palavras e estudar. Com o tempo, percebi que isso de estudar, de se dedicar a algo e penetrá-lo, era mais difícil do que imaginava e que eu era apaixonada por esse fazer de estudante.

Porque, insisto, creio que quando falamos de estudar falamos de aprender a dar sentido à vida, “desendeusando-a”, a torná-la digna de ser vivida, a convertê-la em algo intrigante, a semear dúvidas; aprender, pois a perder de vista, a suspender aquele passo firme e com a cabeça erguida que tanto se exige de nós, a atravessar o muro das nossas certezas.<sup>13</sup>

Estudando pude sair pelo portão da cultura familiar, das conversas do bairro, e mesmo sem ignorá-las, conhecer o mundo. Sabe aquela história de que um livro pode nos fazer viajar por lugares nunca antes imaginados? Tem algo dessa magia no estudo. A magia do começo, do encontro, de aprender algo novo. A magia de despedir-se de suas crenças, de seus limites e ideias, e permitir-se olhar pela janela. No fundo, não se aprende somente a multiplicar, dividir ou a ler a carta de Pero Vaz, mesmo sendo-os por si só válidas, aprende-se a *dar sentido à vida*, à significá-la com o valor da palavra, da reflexão sobre o tempo e o lugar que habitamos e que habita em nós.

O que é isso de ser professora poderia ser substituído por outras duas perguntas: o que é isso de se ver como professora e o que é isso de ser reconhecida como professora. Já lhe contei sobre reconhecimento e pertencimento, de como tais elementos estão intrinsecamente relacionados com o trabalho e nossa vida em sociedade. Houve uma época em que era professora, também lhe disse, e realmente na nobre inocência de quem “*brinca com toda a seriedade do mundo*”<sup>14</sup>, acreditava fielmente que era. Hoje, estudo, já fiz estágio e todos os aparatos que envolvem a formação de professores, mas acredito que de fato serei uma quando entrar pelo portão da escola, caminhar até a sala e começar a aula. Talvez haja um pouco dessa necessidade no fazer do professor. O mesmo não é somente professor, ele o é de determinada matéria, classe ou turma, alunos e escola. Um professor sem alunos, sem escola, é um professor em sua incompletude.

Certa vez meu pai, na sala do hospital em que estava, ao comentarem sobre meu gosto pela leitura, disse: *ela é professora*. Ao ouvir, primeiramente percebo o reconhecimento, a alegria e orgulho. Logo em seguida rompo com a palavra ouvida, dizendo a ele que ainda não era professora, para que esperasse o fim do curso. É sobre isso que falo quando digo que definir o ser professora, parte tanto da visão do outro quanto da forma como nos enxergamos. Com o passar dos meses e com a triste partida de meu pai, percebi que a palavra rompida havia deixado marcas. Uma palavra fruto do reconhecimento, de um olhar diferente do meu, sobre a mesma

---

<sup>13</sup> Ibid., p.507.

<sup>14</sup> A frase faz referência à Fernando Bárcena no livro já mencionado, *El delirio de las palabras*: ensayo para una poética del comienzo, página 83, cuja citação completa está na epígrafe que abre o presente trabalho.

pergunta inicial do que é ser professor(a). Percebi que meu movimento tinha aquele instante e aquela fala, senão como ponto de partida ao menos como divisor de águas. Era desde então o que me chamava.

Ao conhecer as palavras de Daniel Pennac, aquele sujeito que lhe disse ter sido um mal aluno na escola, um momento de sua escrita me chama a atenção: a carta que o mesmo recebe de seu pai. Pennac era o filho que não conseguia aprender, motivo de descrença, e naquele momento havia se formado e estava exercendo o ofício de professor. Assim, esperava que o assunto aparecesse, mas ao ler percebeu que não havia nenhuma menção a sua formação ou ao ofício atual. Depois de um tempo, ele começou a observar um ponto específico da carta:

Tenho o envelope dessa carta diante dos olhos.  
Hoje, somente um detalhe me chama a atenção.  
Ele não tinha se contentado em escrever meu nome, o nome do colégio, o da rua e o da cidade.  
Ele tinha acrescentado a menção: *professor*.

*Daniel Pennacchioni*  
*professor do colégio...*

*Professor...*  
Na sua escrita, tão exata.  
Para mim foi preciso uma existência inteira para entender esse grito de alegria e esse suspiro de alívio.<sup>15</sup>

Através de um simples complemento nominal - aquele que serve para tornar as pessoas reconhecíveis e caracterizá-las (que nesse caso não seria necessário pois já estavam inseridos o nome, endereço e escola) - o pai reconhece o ofício do filho. A palavra *professor* deixa marcas, é para Pennac, um símbolo da *alegria* e do *alívio* do pai que destaca que ele se tornou professor.

Durante o caminho, encontrei-me com três professores – pessoas que inúmeras vezes fizeram-me pensar sobre a experiência do fazer e sobre a aula. Neste momento, preciso lhe contar sobre o que é isso de se ver como professor. Você já deve ter ouvido, ou até mesmo participado das conversas de alunos, que classificam, dão nome ou apelidos aos professores. Mas como os mesmos enxergam o seu fazer?

Juvenal, 2 de agosto de 2019

Eu, sinceramente, não me acho um bom professor; digo isso de coração aberto! Sou apenas medíocre, razoável [...]

---

<sup>15</sup> Daniel Pennac, no livro *Diário de Escola*, p.36.

Foi assim que Juvenal abriu-se para mim, em sua carta-resposta ao meu convite ao caminho de encontro. Essas palavras caminharam comigo desse dia em diante. Inquietações como o *porquê* dessa afirmação me perseguiram. Com o tempo, percebi que para nós nesse percurso, mas do que compreender Juvenal, buscávamos seguir em busca das palavras, do fazer humano, e refletir sobre o que elas dão a ver. As palavras dele, levam-me as de Jorge Larrosa, que dizem que “[...] o professor pode ser talvez medíocre, mas o que ensina nunca o é.”<sup>16</sup>

A intenção não é concordar ou discordar com a visão de Juvenal, dizer se ele é um professor medíocre ou não, até porque, ao fazer tal julgamento não estaríamos mais no *olhar* de Juvenal, mas em nosso, carregados pelo que representa para nós um bom ou mau professor. As palavras representam o chão que o sustenta, sua forma de ver e de estar no mundo. Assim como considere que um professor se encontra incompleto quando ausente de turma, classe, alunos ou escola, um professor encontra-se frágil, mediano, através do modo com que enxerga o seu fazer. Mesmo que o gesto do professor e sua maneira de dar aula sejam medíocres, ou não representem sua vocação, a matéria de estudo nunca é mediana, nunca é razoável, pois ela em si dá a ver o mundo. Com Juvenal, pude ver que embora o ofício ou fazer de professor, não represente por completo aquilo que o move, o *para que suas mãos foram feitas*<sup>17</sup>, a palavra e a literatura estão nele e em seu esforço constante, tenta dá à elas, em suas aulas, mais do que luz: paixão.

Nilton, 17 de agosto de 2019

Me sinto um intruso.

Depois de um dia acompanhando Nilton em suas aulas no ateliê, enquanto conversávamos sobre a escola, ele diz se sentir um intruso nesse lugar. A palavra *intruso*, causa estranhamento, assim como medíocre. Gera incômodo pensar em um sujeito razoável ou em um intrometido, a sensação é de que ambos não estão no seu lugar. Ao dizer que se sente como intruso na escola, Nilton complementa a frase instantaneamente com o porquê – “*não tenho a formação*”. O fato de não ter feito o curso de licenciatura e sim de bacharel faz com que em seus olhos não se veja como professor, mesmo tendo alunos, escola, turma e dando aulas.

<sup>16</sup> A frase de Jorge Larrosa, pertencente ao livro *Esperando não se sabe o quê*: sobre o ofício de professor, p. 432,433, faz referência às palavras de Gabriela Mistral em *Pasión de enseñar*.

<sup>17</sup> A frase destacada faz referência ao sentido de vocação colocado por Jorge Larrosa (2018, p.76): “Descobrir uma vocação é averiguar para que temos uma boa mão, para que gestos estão feitas nossas mãos, ou melhor, que tipo de coisas parecem que estão feitas para nós, para a habilidade particular de nossas mãos.”

Intruso, inserido em um espaço que talvez não seja o seu (que não se sinta pertencente). A forma como um professor enxerga o seu fazer, e se posiciona diante dele, em muito influencia o seu modo de ser. Sennet diz que “[...] as pessoas podem aprender sobre si mesmas através das coisas que fazem [...]”<sup>18</sup>, e parafraseando-o, as pessoas podem olhar para si mesmas e para seu fazer, através das coisas que falam. Aqui, o olhar, a forma de enxergar o mundo e nomeá-lo, dizem sobre nós, sobre a experiência, sobre o fazer. Mais do que aprender sobre nós ou sobre o mundo, pretende-se estudar, ou ao menos, colocar-se em movimento de atenção e cuidado, ou seja, mais do que segurar para si é dedicar-se e doar-se a algo<sup>19</sup>.

Sebastião, 7 de agosto de 2019

Olha, posso te dizer que hoje eu poderia estar muito melhor financeiramente onde trabalho, mas escolhi devolver a semente estéril que foi me dada para cultivar, pois quero colocar a cabeça no travesseiro e dormir como uma criança em teu sono profundo. Vc já viu como é lindo uma criança dormir e sonhar com os anjos (assim falavam os antigos ao ver uma criança dormindo e sorrindo).

Com as palavras de Sebastião encontramos o fazer da sobrevivência, que em muito está relacionado ao retorno financeiro, e o fazer daquilo que nos move – a vocação, ou a sensação de cuidado do mundo, ou ainda, a função social. Para ele, o porquê fazer o que faz, poderia ser justificado por uma escolha: a de devolver a semente estéril e dormir em paz. Nessa carta, Sebastião faz menção à história de um príncipe que precisava se casar e para escolher sua noiva decide entregar sementes para suas pretendentes. Cada uma delas deveria cultivar a semente por seis meses. No dia do retorno, as jovens trouxeram suas sementes que agora eram flores esbeltas, somente uma (a personagem principal da história) estava com o vaso sem flor, pois nada havia brotado da semente. Na história, o príncipe anuncia que todas as sementes eram na verdade, estéreis, e que apenas a jovem tinha sido honesta de trazer o vaso verdadeiro. Nas palavras de Sebastião ele diz escolher ser como a jovem, devolver a semente estéril. O olhar de

---

<sup>18</sup> Richard Sennet, *O Artífice*, p.18.

<sup>19</sup> Como forma de dar a ler sobre aprender e estudar, insiro as palavras de Maximiliano López (2019, p.75), que elogiam o estudo, no artigo ‘*Sobre el estudio: ocio, melancolía y cuidado*’. “Como ya fue señalado la palabra aprender deriva del latín apprehendere que significa, literalmente, capturar. Por eso se puede decir que un policía aprende un ladrón, porque en la palabra aprender resuenan palabras como prensión, aprensión, presa o prisión. El término estudio posee un sentido casi antagónico, proviene del latín studium y tiene el significado de, cuidado, atención, celo, dedicación o empeño, poseyendo además el sentido de afecto («studia habere alicuius» quería decir «gozar del afecto de alguien») [...] La diferencia no se refiere tanto a la actividad misma, sino al sentido o la intención con que se realiza. La palabra aprender expresa el deseo de tomar algo del mundo, mientras que el término estudio señala, sobre todo, el deseo de cuidar de algo, de prestarle atención. En ese sentido, podría decirse que el estudioso no se sirve de aquello que estudia, sino que, por el contrario, le dedica su vida, gasta su vida en eso.”

quem vê o fazer como um cultivo, embora nem sempre dê flores. Lembro-me assim, de uma conversa com Nilton, na qual o mesmo diz que não sabe o que aqueles alunos serão, se vão seguir o caminho do desenho, da pintura, ou outro. Mas aquela aula, não é para o que achamos que o aluno será, ou para o que o aluno quer ser, nem mesmo uma extensão da família, ou da comunidade na qual estão inseridos, a aula é para o cultivo da matéria em si e para a transmissão do cuidado por si mesmo. Dormir como uma criança é como um desprover-se das preocupações adultas. As crianças dormem cansadas de tanto brincar, mas em um sono profundo. Para Sebastião esse dormir remete à paz do trabalho cumprido, da semente cultivada e devolvida honestamente.

O retorno financeiro é um dos pontos mais críticos do fazer do professor, em muito, desvalorizado. Baixas condições materiais, físicas e de continuidade do estudo. Não se forma professor ao adquirir o diploma universitário, mas na relação diária com o seu lugar (a sala de aula e a escola), com os alunos e estudantes, com o estudo permanente de sua matéria, entre tantos outros. A precariedade do fazer gera cansaço, um esgotamento constante que separa o ser do trabalho de suas mãos.

Se o trabalho sustenta a vida, o que será que nos sustenta? Nossos olhos não conseguem esconder o cansaço. Após as horas de trabalho, o contraturno torna-se descanso. Posso ouvir o olhar que fala, mesmo em completo silêncio. Existem diferentes cansaços, acredito. O cansaço da falta de ânimo e o cansaço do completo envolver-se, são alguns exemplos. Houve um momento dessa pesquisa, em que vi o olhar cansado de um professor, seu nome é Juvenal. Eu era uma intrusa em sua sala de aula, estava ali observando seus gestos, jeitos, seus alunos. O mesmo propôs um exercício, os alunos se dividiriam em alguns grupos para preparar uma apresentação pública para a turma, através do gênero dramático, sobre a palavra que Juvenal iria lhes entregar. A única regra para a formação dos grupos é que fossem de no máximo seis pessoas. Um determinado grupo de meninos se juntaram em uma quantidade maior do que a estabelecida, o professor pediu para que resolvessem o problema, deu a eles tempo, aguardou. Acompanhei tudo em certa distância. Os alunos pareciam ignorar a palavra dele. O professor tornou a falar. Algum tempo se passou e os alunos não reformularam o grupo, afinal, nenhum deles queria sair. Já cansado da falta de compromisso dos alunos que passaram quase todo o tempo da aula para se organizar, enquanto os outros já estavam fazendo, o professor determina que eles não farão a atividade. É claro, a atitude do professor gerou conflito, os meninos tentaram negociar. Juvenal, sentou ao meu lado e disse: *é disso que estou cansado*.

As palavras de Juvenal elucidam um tipo de cansaço comum, causado pelo desinteresse ou a falta de compromisso dos alunos. Além dessas causas, a falta de ânimo é frequente quando um professor percebe as mudanças da escola, a burocratização excessiva de seu trabalho, a limitação do seu fazer, o tratamento do professor como fornecedor de serviço, informação ou como uma máquina. Um cansaço que corrói, que afasta o ser de seu fazer, que faz com que conte as horas para terminar o dia ao invés de não as ver passar. O trabalho transforma-se em um peso e uma ocupação, totalmente separado da vida, que só cabe no *happy hour*, na liberdade. No trabalho, garantimos o sustento da existência, fora dele é como se de fato pudéssemos existir.

Há outro cansaço, em sentido oposto ao anterior, esse mostra o sujeito envolvido pelo que faz. Um olhar cansado, até mesmo adormecido, mas permeado pelas lembranças e gestos, pelo fazer de suas mãos naquele dia. Não se engane, quando digo que a experiência do fazer está no tempo, no lugar, nos gestos do sujeito que cuida e se dedica, não quero dizer que o mesmo não se cansa. O cansaço aqui não é sinônimo de desânimo, mas sim do corpo, da mão e do olhar que carregam em si o dia de trabalho e o uso das ferramentas. O olhar dá lugar a voz das palavras que contam a experiência do fazer. Já vi esse olhar nos olhos de meu pai, e já pude imaginá-lo nas palavras de Cecília Meireles.

Os pescadores dormiam  
cansados, ao sol, nos barcos.

As filhinhas dos pescadores  
brincavam na praça, de mãos dadas.

As filhinhas dos pescadores  
cantavam cantigas de sol e de água.

Os pescadores sonhavam  
com seus barcos carregados.

Os pescadores dormiam  
cansados de seu trabalho.

As filhinhas dos pescadores  
falavam de beijos e abraços.

Em sonho, os pescadores sorriam.  
As meninas cantavam tão alto

que no sonho dos pescadores  
boiavam suas palavras.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Poema *Os pescadores e suas filhas*, de Cecília Meireles, presente no livro infantil *Ou isto ou aquilo*, p.44.

Os pescadores dormiam (assim como a criança das palavras de Sebastião), o cansaço do dia de trabalho os permeava, sonhavam com seus barcos carregados. E as palavras? Elas vinham das filhas que cantavam, sobre o céu e o sol, e boiavam nos sonhos dos pescadores. O cansaço do envolvimento representa o sentir do corpo, a relação humana perante a lida com as ferramentas, com o cuidado e cultivo do fazer. O cansaço da falta de ânimo é como uma palavra vazia, demonstra o peso do corpo, mas em distanciamento com o fazer, um corpo que se afasta, que mesmo tentando não consegue dar lugar as palavras que contam a experiência do fazer com tanta alegria, zelo e pompa.

Queremos falar do cansaço dos pescadores que sonham com o trabalho. Palavras que soam como cantigas de criança, como histórias de pescador ou como cartas; que envolvem quem ouve ou lê, que contam detalhes da vida, do trabalho, do cansaço e das ferramentas. São dessas palavras que preciso lhe contar.

## AS PALAVRAS QUE CONTAM A EXPERIÊNCIA DO FAZER

*Não se escreve sobre a experiência, mas sim a partir dela. O mundo não é somente algo sobre o que falamos, mas algo a partir de que falamos. É a partir daí, a partir do nosso ser-no-mundo, que temos algo para aprender, algo para dizer, algo para contar, algo para escrever. Além disso, as palavras não apenas representam o mundo, mas também o abrem, não são apenas uma ferramenta, mas também um caminho ou uma força. Ou ainda de outro modo, a linguagem como o tato mais fino.*

Jorge Larrosa

### ABERTURA

O caminho de encontro, já te disse, poderia muito bem ser um caminho cujo chão fosse feito de palavras. Andar por ele é como experienciar um mundo e dá-lo forma, nomeá-lo. Assim, sem saber o que de fato procurava no percurso, uma certeza poderia ter: estava em busca de palavras. É quase impossível não recordar de Clarice Lispector, ao introduzir o livro *A hora da estrela*, em que fala de forma tão bela sobre o ato de escrever. A partir dela, transmito meu sentimento: “Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?”<sup>21</sup>

Quando iniciamos nosso caminhar, convidei-lhe a andar comigo, a percorrer esse caminho de encontro, a observar essa nossa janela. Convidei-lhe também a se despedir e a seguir assim durante o caminho. No fundo, estava lhe chamando, trazendo-te para meu movimento, convidando-o a abrir-se. A palavra convite pode até mesmo estar incomodando, devido à sua constância, bem como a palavra caminho. Eu lhe contei, as palavras aqui não são somente a forma como chego até você, são além de ferramenta, são o caminho por si mesmo. Um convite representa um chamado à um momento, um instante, um tempo para estarmos juntos. Designa um percurso, um espaço e um tempo dedicados (por completo) ao andar e aquilo que ele dá a ver.

O convite foi feito à outras pessoas, sujeitos que por algum motivo faziam-me pensar sobre o *fazer*. Através da pesquisa narrativa, da palavra e da escuta atenta pude conhecer mais

---

<sup>21</sup> Clarice Lispector, no livro *A hora da estrela*, p.47.

do que o como eram professores ou do que falavam em sala de aula, mas principalmente, como narravam suas vidas e os seus fazeres.

La razón principal para el uso de la narrativa en la investigación educativa es que los seres humanos somos organismos contadores de historias, organismos que individual y socialmente, vivimos vidas relatadas. El estudio de la narrativa, por lo tanto, es el estudio de la forma en que los seres humanos experimentamos el mundo.<sup>22</sup>

Conheci Sebastião no grupo GhEnTE (Geografia Humanista-Ensino-Teoria-Experiência)<sup>23</sup>, em um encontro que participei. Alguns meses depois, após leituras e encontros com a teoria e com a perspectiva da pesquisa narrativa, mas com muito receio do movimento prático, Juliana me propôs a conversar com algum professor, de forma aberta e livre. Logo me lembrei de Sebastião e lhe enviei um e-mail convite, para que pudéssemos prosear e jogar conversa fora. E ele respondeu.

Sebastião, 27 de maio de 2019

Claro que podemos prosear. Acredito que hoje, as pessoas estão perdendo este "contato" de sentar, olhar nos olhos, ouvir as risadas, sentir o cheiro das outras pessoas, degustar das palavras dos outros, observar as lágrimas saírem dos olhos das pessoas por qual motivo for e estar ali presente e saber que você pode estender a mão a esta pessoa. Relembrar dos lugares, das histórias, das brincadeiras de crianças, dos amigos, dos vizinhos, dos parentes, dos professores, das escolas, dos primeiros brinquedos, dos bailes, dos parques de diversões, das pessoas que já se foram e que estão tão presentes, etc. Hoje tudo é mais fácil, basta ter um celular, um computador e podemos conversar. Será? Não sei o que vc acha, mas respeito sua opinião.

Amo conversar com pessoas com mais experiências, ir em lugares onde o tempo parece ter parado.

Conversar com pessoas legais, pessoas que pensam nos outros, que acreditam num futuro..

Não sabia ao certo como seriam nossas conversas, nem ao menos conhecia a vida de Sebastião, mas naquela resposta encontrei algo que nunca antes havia sentido: a necessidade de *degustar as palavras*. Estava aberta à conversa, à prosa, ao que viesse, a ouvir ou ler as palavras das pessoas durante o percurso, mas nunca imaginei que as palavras pudessem ser degustadas, logo eu que andava sempre em busca delas. O que seria isso de degustar as palavras?

<sup>22</sup> Connely e Clandinin, no artigo *Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa*, presente no livro *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa e educación*.

<sup>23</sup> Grupo de estudos na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Ao receber as escritas de Sebastião, percebi que era comum a ele o sentido de degustar e saborear, ora relacionado às palavras, ora ao passado e a vida em si. Algum tempo depois, convidei-o a *mantermos as palavras* e imaginar que nossos e-mails eram como cartas.

Júlia, 21 de julho de 2019

Vou imaginar que nossos e-mails são como cartas, e por isso, não precisam dessa instantaneidade do mundo contemporâneo. Podemos sentar, ler as palavras, senti-las, dormir com elas, preparar um café (ah e seu cheirinho espalhando pela casa), sentar e poder a partir delas, escrever o que nos passa. O que acha de mantermos contato, mantermos as palavras?

[...] Saborear as palavras, degustar os lugares, experienciar a vida, talvez seja em parte, dar afeto, deixar-se sentir.

Hoje, vejo que naquele momento, convidei Sebastião a abrir-se e ao mesmo tempo me convidei também. Isso de mantermos as palavras é o mesmo que mantermos o chão que sustenta nosso caminhar. O *degustar das palavras dos outros* é dar afeto e sentimento a algo já naturalizado e cada vez mais interrompido: o ouvir.

Júlia, 6 de agosto de 2019

Sebastião,

Hoje sentei para ler algumas de nossas conversas, nossas cartas, nossas palavras.

Reli a primeira vez que você me tocou, ao dizer que ama degustar as palavras do outro - e logo penso que quando degustamos, tem tanto de nós e do outro (seja um lugar, uma palavra, uma comida, uma saudade...) penso que é um movimento de degustar e despir, para que possamos de fato, degustar e sentir o outro, precisamos nos despir de nós, de nossos compromissos, pensamentos (que as vezes parecem gritar e não nos deixa ouvir a palavra do outro, ou sentir os lugares em que estamos, onde mora o silêncio?).

Inúmeras vezes, nesta escrita, disse que as palavras eram o caminho que nos sustenta, seja qual for a sua forma. A palavra é encontro, é algo que se doa. Como palavra não quero dizer o puro processo de falar, de usá-la, de posicionar-se perante o mundo, ou a simples opinião. A palavra também é silêncio, no sentido de que só se pode degusta-la, *abrindo mão*, desfazendo-se de si e doando-se ao ouvir, ao ler, ao ver e sentir a palavra. A relação humana, a experiência, o trabalho como ocupação ou como experiência, são permeados pela palavra. O que muda é forma como somos afetados por ela.

## LUGAR

*Eu tive que arrumar a casa, esse lugar externo,  
lugar que habitamos, que nos é morada, refúgio,  
Eu tive que arrumar a casa, esse lugar interno,  
lugar que habita em mim,  
que é morada, refúgio, caverna, sol e tempestade.*

O fazer da pesquisa ou do pesquisador acontece no encontro. Encontra-se o tema da pesquisa, aquilo que te chama, te toca; as palavras de outros, que antes de você, dedicaram tempo ao mesmo tema ou à um ponto que pode lhe ajudar a pensar; o estudo, o exercício de cuidar e preparar algo; a metodologia, a maneira como seguirá o caminho. Encontra-se principalmente com o fazer, os gestos, ritmos e ferramentas, com que se faz. Nesse sentido, o processo que está presente nessa escrita, representa um encontro. Quando propus que a perspectiva da palavra, do contato com os sujeitos, fosse o centro da maneira como a *experiência do fazer* ganharia forma, não sabia ao certo como seria o contato com eles. A abertura proporcionou o encontro e a entrega.

Através da palavra os sujeitos experienciam o mundo e dão a ele mobilidade, tornando-o discutível, matéria de estudo ou prosa ao pé da árvore. Sebastião, para mim é *lugar*. Lhe contei quando o conheci e sobre nossas primeiras palavras, ou melhor, sobre a *palavra degustada*, mas ainda não disse quem ele é, ou o que ele faz, ainda não o tornei reconhecível. Sebastião é professor, mais precisamente, professor de Geografia, da cidade de Juiz de Fora em Minas Gerais. Com ele, troquei cartas via e-mail.

Não trocamos apenas cartas, doamos palavras um ao outro, palavras a serem degustadas. Com o tempo, pude conhecer um pouco dele e ele um pouco de mim. Descobri que Sebastião era sinônimo de *lugar*. Não apenas por ser professor de Geografia, mas por ser morada e procurar morada por onde passa. Com ele, mais do que conversar sobre o que é ser professor, jogamos conversa fora (e com o tempo percebi que também para dentro), sobre vida, lugar e saudade. As cartas com Sebastião nasceram desse processo.

Júlia, 20 de agosto de 2019

[...] nossas cartas reúnem duas pessoas, que embora tenham se visto apenas uma vez, compartilham sentimentos, histórias.  
São pessoas, que carregam consigo, inúmeros preciso lhe contar.

O lugar de Sebastião é aquele que está logo depois da despedida do asfalto que se abre para a simplicidade, para o cheiro de poeira, para o chão de terra. É ali que ele se sente em casa. Nas suas andanças por esses lugares e na sua forma de dizer sobre eles, encontra a simplicidade e entrega-se a ela.

Sebastião, 6 de junho de 2019

Boa noite!

Tudo bem Júlia?

Bom, eu não sei se vc gosta destes lugares onde parece que o tempo parou. As vezes me pego nestes lugares e fico ali pensando quem já passou por ali, quais passarinhos aparecem por ali, o que o homem já fez ali (as transformações), como tudo era e como esta hoje, etc. Fico a observar como o vento pode balançar uma folha, algo tão simples, mas que poucas pessoas hoje em dia podem ter a oportunidade de saborear isto. Você já pensou que uma simples gota de água de uma nascente percorreu às vezes tantas cidades, estados e se encontra com algo tão grandioso que é o mar, que viagem fantástica deve ser de uma simples gota de água serpenteando lugares, escorregando pelas cachoeiras como se fosse um escorregador, etc.

Um dia escutei de uma senhora, que ela não mais conseguia enfiar a linha no buraco de uma agulha! Na época não dei importância, hoje eu entendo que às vezes algo tão simples para alguns pode trazer muitas saudades para muitos.

Às vezes me pego lembrando-se das mais simples brincadeiras que eu fazia com meu pai, tudo tão simples e que hoje daria tudo para poder brincar com ele. Vejo tantas pessoas deixarem as oportunidades passarem de apenas sentirem o cheiro de seus entes queridos, de um ser humano que seja. Ahhhhhhhhhhhh como é bom encontrar um lugar que me lembre de meu pai. Hoje vejo que os lugares mais simples podem conter os mais belos gostos, cheiros, abraços, colo... Já encontrei isto dentro da sala de aula. Às vezes só do aluno ter o mesmo nome que do meu pai. Desculpe os erros, mas se eu voltar e corrigir, talvez não irá mais ser o que pensei. Espero que entenda.

Uma ótima noite para você e família.

*Lugares onde parece que o tempo parou*, seja no olhar simples das pessoas, na construção das casas, ou até mesmo no sentido mais literal, na tranquilidade do tempo desacelerado. Algumas vezes, anteriormente, lhe contei sobre o tempo. Tempo e lugar estão juntos no sentido da experiência, pois assim, dão forma à presença. Estar e ser presente é habitar um lugar (e estar consciente dele), em determinado tempo que se faz somente ali, em outras palavras, é ser permeado pelo espaço e pelo ritmo daquele lugar. Aqui, a pessoa que habita é Sebastião, que busca a simplicidade, mas também o *degustar do pretérito*, sempre em busca de lugares que lembrem seu pai.

*Lugar* assim, consegue ir além dos espaços físicos, da localização ou delimitação, como o tempo que ultrapassa as horas, ou o passado-presente-futuro. Estamos falando de um espaço

e um tempo, no qual a experiência se faz presente e o olhar encontra-se atento. Lembro-me que em uma das cartas, Sebastião me enviou uma história, dessas no estilo fábula, dizendo que seu pai gostava de contar histórias para ele e queria compartilhar comigo. O personagem principal era um aprendiz, que havia recebido do sábio um exercício: ele deveria percorrer um trajeto, carregando uma colher, sem se descuidar dela. O aprendiz cumpriu o que o sábio disse, mas não levantou a cabeça hora alguma, com medo de deixar a colher cair. Quando chegou, achando ter cumprido a tarefa, o sábio perguntou a ele sobre a paisagem, os pássaros, a cachoeira, e ele não tinha visto nada. O jovem voltou a trilhar o caminho, tentando se atentar a tudo o que havia perdido, viu pássaros, árvores e flores, mas quando chegou, o sábio perguntou da colher e ele percebeu que havia se descuidado. O sábio lhe disse que para se ter sabedoria era preciso cuidar da colher e também não perder as coisas belas da vida.

Talvez, mesmo sem perceber, Sebastião me contava sobre *lugar*, tanto o lugar da simplicidade e do cheiro das árvores, quanto do lugar do cultivo, daquilo que representa o nosso fazer. *Lugar* se constrói na relação das pessoas com a vida em sociedade, com a cultura, com o trabalho; é interno e externo. É algo que habita dentro da gente, memória, sentimento, e é também o que nos é morada, abrigo e refúgio. Pode ser feito de paredes de concreto, de água como em um rio, ou em um outro alguém.

Há também um *lugar de atuação*, que também é construído e reconhecido. É o lugar onde o sujeito-fazedor atua, onde moram suas ferramentas e podemos observar seus gestos. Existe a oficina no trabalho artesão, o ateliê no trabalho artístico, o laboratório no fazer científico, a sala de aula no fazer do professor. Quando falávamos de reconhecimento e pertencimento, imaginei um marceneiro, e com ele o seu lugar. A diferença do lugar reconhecido por mim e da oficina para ele, está na experiência do fazer. Não possuo nem a relação íntima de ser tocada por esse lugar, nem a externa de através dele, colocar-me para fora.

Para nós, nesse caminhar compreender o que se quer dizer com lugar, assim como a palavra que não é somente um meio para um fim, é tornar possível um olhar sobre a experiência. Na carta, Sebastião diz já ter encontrado isso (lugares que lembram o pai, que tem belos gostos e cheiros) na sala de aula, pelo simples nome de um aluno. Talvez, por mais belo que seja essa confissão, você pode estar pensando que então nesse momento, não houve despedida de si ao entrar na sala de aula, que o mesmo está mais voltado ao sentido de experiência como subjetividade. A despedida carrega consigo um processo de rupturas, de abandonos, de permitir-se voltar-se para fora de si mesmo e abrir-se ao mundo e ao outro. É também um processo enorme de continuidades, daquilo que nos forma, da técnica ou dos gestos de nossas mãos, da maneira como nos posicionamos no lugar. Perceba, somente um sujeito atento e

sensível, pode ser marcado pelo nome de um aluno, ou pelo lugar que chamamos de sala de aula.

Um professor atento demonstra zelo e pompa assim como a aranha de Kiarostami. Cuida da sala de aula como o seu lugar de atuação, em cada passo, gesto e olhar torna-se presente e dá lugar a matéria de estudo. A escola é o seu lugar, a aula seu tempo, o quadro, o giz, os textos, suas ferramentas. Esse espaço que chamamos de escola, reconhecível no imaginário da maioria das pessoas, é também espaço construído, internamente e externamente. Já vi crianças desenharem uma escola, recordo-me especificamente de um desenho: a estrutura era semelhante à de uma casa, porém, a fachada tinha o nome *ESCOLA* escrito com letra de forma. Já ouvi crianças definindo o que é escola, e em suas palavras, não apareciam necessariamente a estrutura escolar, mas uma determinada aula, os amigos, os professores. Certa vez, nas férias, conversando com meu primo de sete anos, perguntei a ele se estava querendo voltar para a escola, e ele disse: *"porque sabe como é né, sinto falta dos amigos"*.

A escola é assim, um lugar diferente dentro de cada um que a habita, que significa-a pela forma como vivencia o espaço; mas é um lugar e um tempo igualitário externamente, para todos, ou ao menos busca ser. A escola, assim como a experiência, procura em sua origem permitir com que as pessoas que a fazem, os alunos e professores, saiam de suas casas, percorram um caminho, e entrem em seus muros da mesma forma como entrei no movimento de despedida, deixando parte de si lá fora, aventurando-se à descobrir e conhecer novos mundos, suspensos das conversas da rua, ou do ritmo da casa.

Esta triple experiencia – viaje, salida, comienzo – está contenida em uma de las derivas latinas de la palabra educación; educere, es dirigir o salir hacia fuera, conducir a alguien fuera de lo propio, más allá del lugar conocido y habitado, empujarlo hacia lo extraño.<sup>24</sup>

Certa vez, Sebastião, compartilhando suas andanças, enviou uma carta com o título “‘Morte’ da estrutura escolar?”. Na triste carta, diz que ao se deparar com construções abandonadas, fica a pensar na vida que se foi (para onde?) e em como era antes da partida.

Sebastião, 9 de setembro de 2019

[...] Quando alguém me fala que ali foi uma escola ou eu mesmo percebo uma construção que as vezes tem até o nome da escola, meu olhar se mistura com vários pensamentos

---

<sup>24</sup> Fernando Bárcena, Jorge Larrosa e Joan-Carles Mélich, no artigo *Pensar la educación desde la experiencia*, p.237.

rápidos de como era, quem estudou ali, quem eram os professores, como era a merenda, como eram as carteiras, se a merenda era sopa, mingau, bolacha em pratos de plásticos ou esmaltados, canecas de plásticos ou esmaltadas, onde estão os alunos que ali frequentaram, onde estão os professores, etc.

Sua escrita trouxe à tona a força da necessidade de se refletir sobre o que é isso de escola, educação, ou sala de aula, e o que é isso de ser professor. A escola como lugar interno e externo, como lugar de atuação dos professores e lugar de estudo, mas sobretudo, como algo mágico. Em resposta, devolvi-lhe outra pergunta: o que morre quando morre a estrutura escolar?

Júlia, 5 de setembro de 2019

Ah Sebastião, quando vejo sua mensagem e as fotos, pergunto-me, o que morre quando morre a estrutura escolar?

A única certeza que tenho, é que não morre só essa carcaça.

Eu que nunca tive uma turma, alunos, estudantes, me emociono tanto com essas imagens, que dói no lado esquerdo do peito.

É certo que muito se vai, o quadro da imagem ainda está ali, mas nada é apresentado aos estudantes através dele.

O refeitório não alimenta mais.

Os alunos, pergunto-me assim como você, onde estão?

Os professores, pergunto-me assim como você, onde estão?

Alguns alunos, podem não mais conseguir frequentar a escola. A distância a ser percorrida pelo ônibus pode aumentar de 1 a 2 horas por dia o tempo destinado à escola, e se estes precisarem auxiliar os pais seja na criação dos irmãos ou nos trabalhos para sustento da família, a oportunidade se esvai.

Confesso que a imagem do ônibus escolar também me entristece assim como as da estrutura. Fico muito feliz quando vejo ônibus desses, repleto de alunos, seja indo ou voltando da escola, ou indo visitar e conhecer um novo lugar. E tudo já está enferrujado, destruído. O que morre gente, quando a estrutura escolar morre? [...]

Quando morrem as paredes da escola, as cadeiras, o refeitório, morrem também a esperança, a alegria no rosto das crianças que comumente vemos em fotos escolares, morre o professor - que mesmo seguindo sendo-o em outros espaços, já não existe ali.

Há tanto que morre.

E o que fica? Eu não sei. A ausência? A saudade? As feridas e a dor de ver imagens cotidianamente como essas.

Abraços,  
que continuemos lutando, pela escola.

Ainda sobre a escola, embora as próprias cartas e aquilo que elas dão a ver, dizem e fazem pensar sobre tanto, compartilho uma carta escrita para Juliana, que um dia pediu para contar mais sobre *escola mágica*.

Júlia, 18 de setembro de 2019.

Sobre as escolas como algo mágico

Quando digo mágicas, penso em algo que nos fascina. E talvez, o que eu queria te dizer naquela carta era isso, que sempre fui um pouco fascinada pela escola. Por isso, cartas como as de Sebastião sobre a morte da estrutura escolar, doem, afetam.

Em quase todos os bairros, conseguimos logo identificar elementos que se repetem, lugares (essenciais?). Igreja, mercado, escola.

A escola é um lugar fantástico e permeia a vida de todas as pessoas, mesmo aquelas que não a utilizam de fato.

Talvez, como geógrafa, você saiba dizer mais sobre isso. Lugares que nos constituem. Que é ao mesmo tempo, escolar, para seus estudantes e professores; profissional, trabalho para seus funcionários; ponto de referência, ou de encontro - afinal, quantas vezes não marcamos de encontrar um amigo na porta da escola, ou explicamos um caminho colocando como referência a escola?

Mesmo as pessoas que nunca tiveram a oportunidade de vivenciar a educação pela escola, sabem o valor deste lugar.

Ela é mágica! Seduz.

Não entramos na escola como entramos em casa, ou em um restaurante, ou em um mercado.

Os sons da escola são diferentes dos sons do mundo lá fora. (novamente pela memória, provavelmente você já deve ter passado na porta de uma, e mesmo sem ver o que estava lá dentro, ouviu vozes de crianças e/ou de professores)

A escola é mágica ao conseguir trazer o mundo que está fora de seus muros, para dentro, mas não tentando se adequar a ele, mas tornando-o matéria de estudo, como diz Larrosa. Sabe o supermercado, a igreja, as pessoas que disse que estão nesse bairro, também estão na escola, assim como os cachorros, os pássaros, os rios, os mares. São colocadas sobre a mesa, projetadas no quadro, e ali, a gente, conhece mundos e elementos que nunca antes vimos e re-vemos com olhos atentos, os que cotidianamente encontramos.

Quando aprendemos a ler Juliana, as placas das ruas não são mais as mesmas, nem mesmo o telejornal.

Quando descobrimos as formas geométricas Juliana (que antes já tínhamos visto, na parede de casa, no tapete do chão, na bola que brincamos), tudo ganha palavra.

Descobrimos que aquela cor do sol, é chamada de amarelo.

Descobrimos que quando chove e está ensolarado, os raios que passam pela umidade da chuva, formam um arco-íris. E quando estamos ajudando nossos pais a arrumar a casa, ou a lavar algo, e o sol bate na água, ou no vidro da janela, e forma um arco-íris assim como na chuva, nos surpreendemos - eu me lembro até hoje de quando isso me aconteceu pela primeira vez.

Descobrimos também, que sol e chuva, pode ser uma cantiga - casamento da viúva.

Se me disser que não tem algo de mágico nisso do escolar, do que acontece na escola, e que nos afeta por toda a vida, ah eu vou te dizer que está enganada, que está de olhos e ouvidos fechados.

Não sei se concorda comigo,

mas sigo me encantando pela estrutura escolar, desejando vida.

Não é mágica por ensinar o mundo, mas por nos tornar atentos a ele. Não é mágica por nos fazer sentir em casa (como a simplicidade encontrada por Sebastião nas estradas de terra), mas por nos fazer sair dela, irmos de encontro ao que nos é estranho. Se a escola morresse, morreria parte de nós, a parte mágica de ir além do *puro processo de sentir*.

## PALAVRA

*E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma.*

João Guimarães Rosa

Através da escrita, da fala e dos gestos, nomeamos o mundo. Ao nascer, o mundo é apresentado à criança, que em si, simboliza a *aprendizagem do novo*. Em movimento de constante criação, a criança representa o mundo, cria-o à sua maneira. Parece-nos absurdo e engraçado ver uma criança assustada com um objeto novo, ou associando uma coisa à outra, como uma caixa de papelão que vira carro. Ignoramos que a brincadeira de criança é a expressão de sua abertura e forma poética com o mundo. Elas conhecem o mundo e vão de encontro à palavra. Não nos basta somente experienciar, desejamos intensamente narrar e transmitir nossas experiências.

A palavra é uma doação. Dizemos algo a alguém e só podemos dizer, doar nossa voz, nossos gestos, ou nossa escrita, quando estamos envolvidos, quando fazemos parte<sup>25</sup>. Juvenal para mim é sinônimo de *palavra*. Ele é professor de Literatura, contador de estórias, palhaço e cordelista, na cidade de Divinópolis em Minas Gerais. Com ele, pude andar no carro - casa amarela, ouvir suas estórias junto à outras pessoas e ouvir suas aulas junto a seus alunos. Convidei-o a percorrer o caminho de encontro através de uma carta, na qual recordo das lembranças que tenho dele. As primeiras são do Juvenal contador de estórias e da Júlia aos 13 anos, o ambiente sempre foi o da escola. Logo depois conheci também o Juvenal professor, que também contava estórias na sala de aula. Lembro dos seus gestos, expressões e palavras, e do meu encanto por elas. Recebi dele uma carta que dizia abrir as *portas do coração*, permitindo-me adentrar.

A necessidade de convidar Juvenal surgiu de uma fotografia, um momento de riso de crianças que ouviam suas estórias, e de seu posicionamento de direcionar o porquê faz o que faz a esses sorrisos. Após acompanhá-lo em seus *lugares do fazer* ou *lugares de atuação*, que ora eram itinerantes (transitava pela cidade indo aos lugares onde contaria suas estórias), ora era bem delimitado, como o escolar, lhe contei sobre essa fotografia, e em resposta disse:

---

<sup>25</sup> Jorge Larrosa no livro *Esperando não se sabe o quê*: sobre o ofício de professor, diz que “[...]só há uma voz se há alguém que fala, que está presente no que diz, que está afetado pelo que diz.” (p.413)

Juvenal, 29 de setembro de 2019

Meu trabalho como contador de histórias é, hoje, um dos pilares de tudo que faço. Ao lado do palhaço, do escritor e do professor, é o que me mantém de pé. Alegre e ativo. Faço com amor e com verdade. Por isso, penso eu, é uma de minhas melhores expressões. A foto a que você se refere conta isso. A forma como as crianças (e os adultos, muitas vezes) recebem as histórias me emociona. Por isso sigo em frente.

Abrirei fragmentos de meu diário de campo, no qual percebi que isso que nomeamos como *experiência do fazer*, morava na hora da história para Juvenal. Quando o mesmo escreve o fragmento acima, consigo sentir com ainda mais força. *Faço com amor e verdade*, remete à semente estéril cultivada e devolvida de Sebastião. A verdade do sentimento do fazer, o amor por aquilo que faz, seguida pelo reconhecimento de um trabalho bem-feito. *Por isso sigo em frente*, é o constante dilema do continuar. O que faz com que permaneça seguindo? Para Juvenal é a forma com que o outro recebe as histórias que conta, como o seu fazer torna-se afeto.

Seria impossível escrever sobre a experiência, a epígrafe desse capítulo já nos adiantava. Escrevemos a partir da experiência, assim como um filme, uma pintura ou fotografia também não captura (em seu sentido de apreender e tomar para si) a realidade, mas dá a ver através dela.

Diário de campo

No dia 5 de agosto, encontrei pessoalmente Juvenal. Acompanhei-o em duas contações de histórias. A primeira delas ocorreu em um bairro periférico de Divinópolis, em um Centro de Vivência para pessoas especiais (chamarei-las assim, por ver o quanto são incríveis, e por me fazerem pensar tanto). Todas elas são adultas. Eu ainda não conhecia o lugar, peguei o ônibus do meu bairro até o centro da cidade, e lá peguei um que iria para o bairro. Entrei e pedi ajuda ao trocador, para saber a hora de descer. Quando desci, vi a sede do centro, tinha um banquinho no passeio e ali sentei. Do banquinho não conseguia ver como era lá dentro (somente ouvir alguns sons) e nem eles conseguiriam me ver. Resolvi esperar o Juvenal ali, enquanto lia um livro que fala sobre reconhecimento, escrito por Tzvetan Todorov, *A vida em comum: ensaio de antropologia geral*.

Cerca de 30 minutos depois, Juvenal chegou. Pouco antes, vi um pai que deixava o filho no Centro de Vivência. Eles chegaram de carro e pararam em frente ao banquinho em que estava. O pai desceu e foi abrir a porta pro filho, mas ao abrir, o filho fechou a porta. O pai, tranquilo, tocou a campainha do Centro, e pediu para que chamasse uma pessoa específica, veio outra. Essa pessoa abriu a porta e chamou o rapaz para descer, ele fechou a porta novamente. Até que veio um homem, a pessoa específica que o pai havia chamado, o homem abriu a porta, e chamou o rapaz, ele prontamente desceu do carro e entrou no Centro, e o pai seguiu o caminho.

Esta cena a qual descrevi, me fez pensar sobre o tempo. O tempo paciente do pai, que iria seguir o caminho, mas não forçou ou acelerou o tempo do filho. O filho, que abria e fechava a porta que dava acesso a ele, abaixava sua cabeça, e ficava em seu pequeno casulo-carro. O tempo de seguir, do filho que entra no Centro, e do pai que segue o caminho, sabendo que irá voltar para buscar.

Enquanto isso, também estou no meu tempo, tempo de espera, tempo de ansiedade, afinal eu não era professora ali, nem auxiliar, nem contadora de história, eu era uma pessoa diferente, diferente até para mim mesma.

Juvenal chegou, me abraçou forte e demonstrou felicidade em me ter ali. Entramos, fui apresentada a todos como ex-aluna dele, que estava ali acompanhando-o. Abracei algumas das pessoas especiais. Uma delas me lembrou muito minha tia, também muito especial. Essa moça, querendo abraçar alguém que gostava, acabou caindo, e chorou, e seu choro me sufocava, queria poder abraçá-la até que o tempo do sofrimento virasse outro, mas a contação a abraçou e ela sorria.

Juvenal tinha um figurino muito específico e peculiar. Os tons eram neutros, não eram coloridos como o de um palhaço. A blusa branca, me lembro ter na frente desenhos e colagens artesanais. Havia nuvens, um pássaro preto, uma árvore, e rendas como se fossem o chão. O chapéu marrom, tinha flores pequenas, de pano, e alguns passarinhos. A calça listrada e soltinha, tinha no pé direito uma formiga, e no esquerdo o símbolo do infinito. O sapato, tinha vários itens pregados, como se fossem imãs, eram flores, joaninhas, tinha de tudo!

A estória começou com uma cantiga,

**- Ô de casa! Ô de fora! Eu estou chegando agora!**

enquanto cantava e batia o pandeiro.

Era sobre uma festa no céu. Todos ficaram atentos. Na mala que ele carrega, parecia caber o mundo. Dali ele tirava um sapo, o personagem principal, e convidava a todos e todas a fazer a tal cara de sapo. Havia quem preferia não tentar e quem se divertia tentando. Houve um que se destacou, e como ele se divertiu sendo reconhecido por todos como o ‘cara de sapo’.

Em diversos momentos cantávamos músicas. Todos acompanhavam o pandeiro com as palmas das mãos. Tudo levou cerca de 50 minutos. Os gestos, expressões de Juvenal, faziam a estória ainda melhor, acredito que lembro de todos os detalhes. Ele tinha diversas ferramentas, cada uma para fazer o canto de determinado pássaro. Que preciosidade! A mala parece mesmo carregar o mundo dentro.

No final, as pessoas foram lhe abraçar. A moça que comentei, perguntou-me quando iria voltar, se eu iria embora. Eu disse que voltaria. Abracei algumas pessoas e saímos. O tempo, sabe aquele que falei? Ele estava corrido, não estava mais suspenso como durante a contação. Entramos no carro e fomos para um bairro central. Durante o deslocamento, cerca de 10 minutos, Juvenal me perguntou sobre o que achei, e eu apenas disse que tinha sido muito bom. Conversamos sobre os dois lugares, o que tínhamos acabado de sair e o que viria. O primeiro era um trabalho voluntário, e havia sido o primeiro dia dele. Ele disse que estava com saudades, que fazia trabalhos esporádicos assim, mas que queria se envolver, porque “eles sentem saudade e a gente também”. As segundas, segundo ele, seriam corridas, “mas é bom”. A escola, o trabalho como professor aparece pela primeira vez. Como ele fica na escola na parte da manhã, disse que havia sido corrido pois o diretor o chamou para uma reunião de última hora após a aula, tornando o tempo ainda mais corrido.

O novo lugar era muito diferente do primeiro. Juvenal já adiantava no caminho algumas mudanças do lugar, da relação dele com o mesmo e também com as pessoas. Agora já estávamos no que é conhecido como ‘a melhor idade’. Vou chamá-las de pessoas das cabeças brancas. Brincávamos com minha avó e com meu pai assim, e eles sempre sorriam.

O novo lugar foi me apresentado como sendo de idosos com condições financeiras melhores, o espaço é particular, e possui diversas atividades. Ali, Juvenal não é voluntário como no anterior. Chegando, fui apresentada e bem recebida, havia alguns minutos e sentamos. Falei um pouco sobre o que estava fazendo, sobre a pesquisa. Contei a ele que buscava acompanhar professores como ele, que realizavam outros fazeres.

Rapidamente, fomos para a contação. Havia cerca de 10 pessoas de cabeça branca, todas olharam para mim, sentei na roda com elas. Juvenal disse que eu era ex-aluna dele e que estudava em Juiz de Fora, e pediu para que me apresentasse, fiquei envergonhada, disse que estava acompanhando-o em seus movimentos. A história começou, ele já havia adiantado que seria a mesma, mas tudo começou diferente. Neste novo lugar, ele e as pessoas de cabeças brancas, começavam sempre cantando uma música, que dizia sobre companhia e felicidade. Me emocionei, tentei esconder de todos a lágrima que escorreu no

meu rosto, e naquele momento, senti muito a ausência da companhia das pessoas de cabeça branca da minha vida. Depois a história começou, e a minha mente não conseguia pensar em mais nada a não ser nela. O tempo parecia ter parado outra vez.

As pessoas ficaram envolvidas, o tempo estava suspenso do mundo lá fora, mas existiam inúmeros outros tempos ali dentro. Ao contrário do espaço anterior, diversos elementos pausavam a história. Uma moça servindo água às pessoas de cabeça branca, um senhor que levantava querendo participar, uma senhora que iria ao banheiro. Mas no fim, todos estavam ali, naquele mesmo espaço, naquele mesmo tempo.

No fim, despedimos das pessoas e seguimos para um café. Durante o caminho, Juvenal me indicou um livro de Lázaro Barreto, *Cantagalo: a Bacia das Almas*, o qual já quero procurar. Ele me perguntou o que achei, e eu disse que havia amado, e que o que ficava para mim, daquele dia, era **tempo**. O tempo da espera, da correria, o tempo do compromisso (que ele queria fazer com aquelas pessoas especiais, um tempo que dura, que se estende, e ao se estender, diminui a saudade), tempo dos que ouvem e dos que contam, das pessoas especiais e das pessoas de cabeça branca, tempo de Júlia, tempo de Juvenal, tempo da história - que parece suspender qualquer outro, tempo do fim da história, que como um sinal, tira a pausa. A vida agora não mais está suspensa. O intervalo terminou. Seria um intervalo também para mim e para Juvenal? O que acontece depois do fim da história, a vida continua?

Assim, com todos esses pensamentos, tomamos nosso café. Juvenal disse que a vida continua, as ligações voltam a tocar, as mensagens a chegar, os boletos a pagar, mas há algo que muda. Não estamos mais na história, mas ela não se perde assim tão facilmente como um botão a apertar. A suspensão do tempo, este intervalo, parece deixar-nos mais atentos, mais vivos. Tem aquilo que fica. Aquilo que a gente carrega, em outra mala, a da vida.

Fiquei curiosa para saber como era o Juvenal quando falava da escola, da sala de aula. Perguntei se na aula, também havia a suspensão do tempo. Ele disse que o tempo muda, mas não é da mesma forma. Ele pareceu-me descontente. Disse que gostava da escola, dos alunos e de dar aulas, mas o desinteresse o desanima. Perguntei-o se o olhar do aluno desinteressado era o que não permitia a abertura necessária para que o tempo fosse completamente suspenso. Ele disse que já havia se acostumado com os olhares, mas que muita coisa havia mudado na escola, que entende que os alunos não vão estar sempre interessados em aprender, mas que desanima.

Percebi que a experiência do fazer para Juvenal, está no que ele se sente chamado, tocado a fazer. Aquilo que lhe dá prazer, e é o ser artista - escrever cordéis, contar histórias, palhaçar. O ser professor é descrito por ele, como um gosto pessoal, mas que agora, está mais ligado à sobrevivência. Ele me conta que uma amiga brinca com ele se hoje é dia dele trabalhar de verdade. Como ele trabalha na escola de segunda a quarta, “os outros dias as pessoas acham que eu não faço nada, ou pelo menos algo que não dê dinheiro”. Ele também diz que muito dos seus amigos professores continuam trabalhando depois que se aposentam, mas que ele diz que no dia seguinte da aposentadoria (aproximadamente daqui três anos) ele não vai trabalhar mais na escola, somente como artista.

Depois conversamos sobre um pouco da trajetória dele. Sobre a vida na cidade, desde os tempos de criança. Ele me mostra a cidade dizendo como era as ruas da boemia, o centro antigo e a construção do novo centro.

Nos despedimos, com a esperança de continuar.

Com Juvenal, a questão do tempo está presente. O início da cantiga parece separar quem ali está do tempo lá fora. A voz dele parece cantar o ritmo, contar a história, guiar os gestos. A palavra é sua paixão. Abrir o meu diário desse primeiro encontro, é como abrir a janela do meu fazer e do fazer de Juvenal. O tempo, que juntamente com o lugar foi descrito anteriormente

como elementos da experiência, que dão forma à presença, poderia ser a palavra-chave desse fragmento acima.

Tempo é o girar do relógio, é os tons variantes do céu ao longo de um dia, é o crescer de uma criança e o envelhecer de um idoso. Tempo é os 50 minutos que delimitam uma aula ou uma contação de estória. Tempo é algo construído, percebido de diversas maneiras, é algo que se perde. A ideia de perder-se o tempo possui sentidos opostos, o primeiro deles está intimamente relacionado com a formação das sociedades industriais e o avanço capitalista: o tempo perdido é um tempo gasto. Tempo e dinheiro transformam-se em sinônimos, passar o tempo com alguém, ou dedicando-se a algo, é como um investimento, espera-se retorno.

Aqueles que são contratados, experienciam uma distinção entre o tempo do empregador e o seu “próprio” tempo. E o empregador deve usar o tempo de sua mão-de-obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido ao dinheiro. O tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta.<sup>26</sup>

Com as transformações capitalistas e o próprio desenvolvimento das relações de trabalho, o vocábulo começou a sair das fábricas e a permear a vida. Quantas vezes não reclamamos ou ouvimos alguém dizer que perdeu o seu tempo? Se tempo é dinheiro, e o dinheiro é a moeda que na concepção usual sustenta a vida, deve ser gasto investindo-o e não perdendo-o. Thompson na citação acima demonstra bem o sentido dessa mudança na concepção do tempo e como ela afetou os significados entorno da vida e do trabalho.

Em outro sentido, o tempo que se perde está relacionado ao mesmo sujeito do olhar cansado do completo envolver-se. Atraído pelo que faz, em completo envolvimento e dedicação, perde-se a noção do tempo, do passar das horas no relógio. O tempo não é investido, ou gasto, é dedicado a algo ou a alguém. Se o tempo da escola, como lugar mágico, é um tempo suspenso, o do professor em seu fazer também o é. O que se suspende? A utilidade, o meio para um fim, o eu acima do fazer, o tempo passado e o tempo futuro como colocam Masschelein e Simons<sup>27</sup>. É um tempo dedicado ao presente – ao tempo presente e ao se fazer presente, ao estudo como cuidado.

Também acompanhei Juvenal na escola. Nesse novo espaço, nesse novo tempo, me perguntava constantemente quem era ele ali. Percebi que suas vestimentas eram outras, não havia blusa com pássaros, calça listrada, nem sapatos e chapéu diferentes. Não havia a mala

---

<sup>26</sup> E.P. Thompson no capítulo *Tempo, Disciplina de Trabalho e Capitalismo Industrial*, de *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*, p.272.

<sup>27</sup> Trata-se do capítulo *O que é o escolar?*, presente no livro *Em defesa da escola: uma questão pública*, de Jan Masschelein e Maarten Simons.

que carrega o mundo dentro. Estava diante do Juvenal professor, aquele que já lhe apresentei antes, com o seu modo de se ver como razoável e com o olhar cansado. Assim como nas contações que o acompanhei, a algo que fica de suas aulas.

“*Que complicado! Tudo é palavra!*” Ouvi em uma de suas aulas no 2º ano do Ensino Médio. Juvenal apresentava para a turma um gênero literário. Ele não começou a aula com “*Ô de casa! Ô de fora! Eu estou chegando agora!*”, escreveu no centro do quadro um nome: João Guimarães Rosa. Na aula anterior eles já haviam conversado sobre o autor, sua vida, seu estilo. Hoje, ele falaria de um conto específico que foi publicado no livro *Primeiras estórias*. Antes, Juvenal escreveu também no quadro, agora no canto superior, três palavras: história, estória e História, disse o que cada uma delas representava e depois pediu para que todos os alunos abrissem em seu celular o conto que havia lhes enviado, para que pudessem ler juntos. Acompanhei a mesma aula em duas turmas diferentes, em uma a leitura foi na sala, em outra em um espaço aberto na escola, debaixo do pé de jaca, descrito por Juvenal como o lugar que ele mais gosta de ler.

Dessa vez, além da estória não ser aberta pela cantiga, ela também não foi declamada, o professor lia em voz alta enquanto visualizava-a em seu celular, e os alunos acompanhavam a leitura também através de seus aparelhos. A estória não era contada como na contação, em diversos momentos da leitura, Juvenal parava e fazia algum comentário. No fim, todos começaram a discutir sobre o que era a estória, o que o autor no fundo queria dizer, se era ou não uma metáfora. Na aula seguinte dessa mesma turma, a estória ainda era matéria de estudo, ouvimos uma música de Caetano Veloso sobre ela, foi quando pude ouvir o “*Tudo é palavra*” de uma de suas alunas.

A estória diz sobre morte, ou sobre ausência, sobre um sujeito (que também era pai e marido) que certo dia escolheu habitar um espaço e um tempo outro – *a terceira margem do rio*. Talvez, de toda a leitura e de todas as aulas (mesmo em outras turmas e alunos), o que fica é que daquele dia em diante, aquele sujeito “*nunca falou mais palavra, com pessoa alguma.*” Se das contações o tempo havia sido a marca que fica, das aulas de Juvenal a palavra deixou marcas. Tudo é palavra, a aluna já anunciava. Existe a casa da palavra, não sei se seu endereço é o carro de Juvenal, todo em amarelo, que carrega sua mala, seus instrumentos de contador. Pode ser que na verdade, a casa da palavra esteja nas *portas do coração*, que ele havia deixado abertas para que pudesse entrar. Qual o *lugar* e o *tempo* da palavra?

Durante toda essa escrita, que em si pretende ser uma carta (uma forma de lhe contar sobre o caminho), disse que o chão poderia ser feito de palavras, que elas em si são a nossa forma humana de nomear a vida. A palavra aqui vai além dos sentidos que pretendem esvaziá-

la, através de modos genéricos de dizer, de afastar o sujeito que diz da relação com a palavra e com quem ouve, e do que ouve com aquele que diz. A palavra aqui é representada por Sebastião e o seu convite a degustar. A palavra aqui é Juvenal, que permite ver que a mesma mora no olhar, nos gestos, nas estórias e no quadro. Assim como a experiência, o tempo da palavra busca ser desacelerado. Como ouvir, ler e sentir, se não nos colocamos em intervalo? É um tempo de atenção. O seu lugar e sua morada estão na forma humana, no sentir que se dá entre o silêncio e a palavra.

Lembro-me que Juvenal, ao ler que o personagem nunca mais falou palavra, destacou o sentido de humanidade que a palavra carrega, da troca e do contato. *Nunca falou mais palavra*, é não mais expressar-se, não mais nomear, nem murmurar, gritar, comemorar, dizer algo a alguém. Se o olhar cansado da falta de ânimo esvazia a palavra, a sensação do sujeito é como um nunca mais falar ou sentir a força da palavra.

## CUIDADO

*La tarea de educar es una tarea de mutuo cuidado:  
el cuidado de los que llegan y el cuidado del mundo.*

Fernando Bárcena

Diário de campo

No dia 17 de agosto, fui acompanhar Nilton pela primeira vez. Tínhamos trocado apenas o e-mail inicial, com o convite. A expectativa desse encontro era podermos conversar e depois acompanhar uma aula no ateliê. Era sábado, a aula começaria às 9h e o encontro estava marcado para às 8hrs. O ateliê se encontra em um bairro da cidade, já havia visitado há alguns anos atrás. Acordei cedo, peguei o primeiro ônibus até o centro, e depois um até o local. Chegando lá, Nilton estava organizando o ateliê para a chegada dos alunos. Algumas coisas me vieram a cabeça, neste movimento de observar a preparação e os gestos dele. A primeira delas é o cuidado dele com o ateliê. É um lugar onde tem quadros, muitos livros, alguns bancos e cadeiras mais baixas, muitos pincéis, tintas, lápis. O Nilton estava organizando, e o engraçado é que para muitas pessoas aquele lugar poderia parecer bagunçado, mas era extremamente organizado e limpo. Nilton estava com um espanador, limpando os livros, mesmo que previamente não estivesse planejado que algum deles seria utilizado na aula. Enquanto limpava, ele me contava quem seriam as pessoas que viriam, seus alunos. Apresentou-me pela fala, o aluno antigo, que já está com ele desde junho, e que possui 11 anos. Os outros dois alunos ele ainda não conhecia, e seria a primeira aula deles, um de 9 anos e uma de 10. Depois disso, fomos à padaria, compramos alguns pães e

voltamos para o ateliê. No segundo andar, está a casa dele, lugar este que nunca havia visitado. Subimos para tomar um café e conversar. Ele me contava um pouco sobre o Nilton professor, suas aulas, as escolas em que trabalhava. São duas escolas, e as mais diferentes turmas, alunos de 2 anos à 15. Conversamos um pouco sobre matrizes e diretrizes curriculares, quando ele me contou de sua caminhada na escola. No início tentava seguir todo o conteúdo e competências e depois começou a perceber que não conseguia seguir, e que trabalhava tudo o que estava ali, mas sem ficar planejando cada aula para determinado ponto da matriz. Ele dizia que nesse programa, sempre existia um para quê, “pintar com o aluno para que ele desenvolva...” Para ele, não existia esse para quê, mas sim o adentrar no universo da arte. Não existia para ele o “pedir para que os alunos pinte com as mãos para que...” pois para ele, eles já utilizam suas mãos; não existe um “mostrar para os alunos as diversas possibilidades de materiais para que ele conheça as possibilidades” pois para uma criança, o mundo está aberto, tudo é possibilidade. Tarefas como as de misturar as cores, segundo ele, não precisavam de uma aula específica, como no programa, pois no próprio pintar, as crianças vão descobrindo e ele poderia a partir dessa descoberta, abordar isso. Outro ponto, foi a continuidade das aulas, Nilton disse que muitas das aulas deles duram várias, porque uma das coisas que ele diz gostar é passar para as crianças a questão do cuidado com aquilo que elas fazem, com o papel, seu desenho ou pintura, com o colocar o nome deles em seus trabalhos.

Descemos para o ateliê pois os alunos haviam chegado. Quando eles chegaram eu fui apresentada a eles como uma amiga do Nilton, que iria acompanhar a aula junto com eles. Todos haviam levado seus desenhos, mesmo os que estavam ali pela primeira vez. Sentamos em uma mesa, mais baixa que as tradicionais, em roda, o Nilton perguntou ao ‘aluno antigo’ o que ele tinha feito durante a semana, e ele o mostrou seus desenhos e foram feitas algumas observações. Depois ele e todos nós conhecemos pela primeira vez os desenhos do novo aluno de 9 anos. A partir dos desenhos, podemos conhecer um pouco mais dele. Nilton perguntava se ele gostava de jogar videogame já que a maioria dos desenhos eram de dinossauro ou personagens; foi lhe perguntado também como ele fazia os desenhos, se só imaginava ou pegava alguma referência. Logo depois, todos nós atentamos o olhar para a aluna nova, de 10 anos. Seus desenhos eram de rostos de meninas, e Nilton fez o mesmo movimento de conversa para conhecê-la. Após esse movimento coletivo de ver os desenhos uns dos outros, ele pediu para que cada um escolhesse dois desenhos seus, e colocou-os na fixados na parede à nossa frente. E ali ficaram até o fim da aula. Lembrei-me da mão da caverna de Simons e Masschelein. Àqueles desenhos na parede se tornaram essa mão, a mão das pinturas nas cavernas. Uma mão que não é mais a mão humana, útil para fazer algo. Também não é um desenho ou traços com a finalidade de informar, recordar ou contar. É uma mão que saiu do corpo, e está ali projetada, não como espelho mas como representação. E o professor que levou os alunos até a caverna, está a mostrar e iluminar a mão, a fim de torná-la, matéria de estudo. Os desenhos na parede me fizeram pensar que ali existia alunos diferentes, idades e modos de desenhar diferentes. Mas que ao terem seus desenhos na parede, poderiam olhar para eles de outra forma. Não era mais um desenho no caderno, ou na pasta, era algo seu, como uma mão, mas que saiu de si.

Um exercício foi pensado para cada um deles. [...] Todos começaram a fazer seus desenhos, e nós fomos aguar as plantas e conversar. Conversamos sobre os alunos, sobre conhecer os novos alunos, seus jeitos. Ele comentou um pouco sobre a dinâmica das aulas no ateliê, de saber o que e como será somente no momento da aula. Comentamos também sobre como não é uma aula que todos estão fazendo a mesma coisa ao mesmo tempo, ou que Nilton estivesse a frente explicando algo para todos. Percebi que mesmo não tendo este momento, a matéria de estudo estava ali, era o desenho, o tato, a forma como se pega o

lápiz e qual lápis utilizar. “Não se começa com o lápis mais escuro, pois se precisar apagar, ficará marcado ou pode borrar o desenho.” Ele reforçava.

Existia assim, momentos diferentes e estilos diferentes de desenho. Mas ao mesmo tempo, todos observavam o que estava acontecendo no ateliê, com todos. São crianças, curiosas. Retornamos para dentro do ateliê, os desenhos estavam adiantados. Os pais começaram a chegar para pegá-los. E o ambiente se tornou outro. O que era silêncio (apenas guiado pela música que Nilton colocou para eles quando começaram a desenhar - não seria isso mais uma forma de ver e demonstrar aos seus alunos um pouco de si e do seu modo de fazer?) tornou-se barulho, conversa entre pais, entre pai e filho, entre pai e professor. O movimento de mergulho na matéria de estudo havia sido interrompido, como um sinal na escola.

Os pais perguntavam sobre os materiais que precisavam providenciar para as próximas aulas, escreviam os nomes e iam embora. Quando eles saíram, fomos conversar mais um pouco. Sobre as aulas no ateliê - a ligação com os alunos e com os pais, a intencionalidade e a instantaneidade (se assim posso chamar) com que algumas pessoas chegam até a aula no ateliê. Nilton brincou que “quando se faz uma aula de gastronomia, ninguém chega nos primeiros dias de aula e diz ao professor que quer fazer um bolo para um casamento naquele dia ou no fim de semana. No ateliê, não sei o que acontece, as pessoas já chegam querendo chegar à um produto, a algo que irá mostrar a alguém ou vender.”

Conversamos novamente sobre a escola, sobre a quantidade de aulas que ele dava na semana e a quanto tempo ele estava na escola. Ele disse que em 1998 havia dado aula na escola por dois anos, e depois continuou por todo esse tempo só com as aulas no ateliê. Há três anos, retornou à escola. Perguntei o porquê desse retorno. Nilton disse que não havia sido uma escolha, algo previamente planejado, que a vida dele e o trabalho eram muito dinâmicos, não havia uma constância. Surgiu a oportunidade de voltar à escola em um momento que o ateliê estava menos agitado (suas produções e trabalhos) e ele resolveu aceitar as sugestões e convites, com a intenção de ficar na escola por 2 anos e depois voltar a se dedicar à pintura exclusivamente. Mas disse que já está há 3, mas pretende em algum momento parar, pela sua idade e disposição, e também porque os seus outros trabalhos como artista e como acadêmico, estudioso, ficavam em segundo plano com o número elevado de aulas.

[...] Nilton me acompanhou até o ponto de ônibus, lá continuamos falando sobre a escola. Ele dizia que não era um professor, não tinha a formação, e o que ele tentava levar era a arte e o seu ofício para essas crianças. Uma das últimas falas dele antes de entrar no ônibus, foi, me sinto um intruso.

Enquanto falava da escola, seu olhar não mudava, não dava para sentir um desânimo ou descontentamento. Não me parece, de início, que o faz sem prazer. Lembro-me dele contando que a aula não termina quando o horário acaba, e nem começa quando o horário começa. Algumas vezes, ele está trabalhando com algo em uma turma, e quando vai para outra os alunos já no corredor perguntam se ele irá fazer e dar o mesmo que estava trabalhando com os outros. Nilton diz, “ali, a aula já começou”. E isso fica, fica em mim. Assim como o, “Ô de casa! Ô de fora! Eu estou chegando agora!” de Juvenal.

Por fim, sobre a aula no ateliê, Nilton diz que não sabe o que aqueles três alunos vão ser depois, não sabe se vão seguir este caminho ou outro. A aula ali não é algo familiar ou local, ele diz, e logo penso, é a aula por si, a matéria por si, a transmissão do cuidado por si.

Com essa manhã, pude conhecer um pedaço do Nilton e sua visão da sala de aula da escola, e sua atuação na “sala de aula” do ateliê, o mesmo espaço que para ele pode ser um lugar-sagrado (que ando conversando com Sebastião, o “lugar mais íntimo” como diz o dicionário). Pude conhecer o Nilton que cuida dos livros, que estuda arte, educação. Pude conhecer o Nilton que abre as portas da casa, e passa um café, e me mostra um cantinho, um quatinho em casa, que guarda o Nilton estudioso, trabalhos e pinturas que ele cuida e cultiva por mais de 10 anos e ainda estão a tornar-se algo. Consigo sentir um pouco dessas faces de uma mesma pessoa.

Os fragmentos acima foram retirados de meu caderno, o diário de bordo que me acompanhou durante as leituras e encontros com os sujeitos-fazedores. Nilton é artista plástico, é também professor, na cidade de Divinópolis em Minas Gerais. Através das palavras dele, talvez, o “é” professor provavelmente seria substituído pelo “estar”, como foi possível ver anteriormente, em *O que é isso de ser professor(a)*. Nilton para muitos poderia ser sinônimo de arte, o seu jeito único de andar, sua energia constante, suas pinturas e ilustrações, bem como o seu modo de ver remetem à essa palavra. Para mim, Nilton é cuidado.

Quando imaginamos um artista a pintar, assim como o marceneiro, o vemos em seu lugar – o ateliê. Talvez escutamos o silêncio da palavra, um silêncio que não é vazio, mas anterior a palavra, como o *silêncio criador* de Bárcena – aquele que não nos torna mudo, mas é em si, pleno de sentido. Podemos escutar uma música de fundo ou o som de pássaros. Os ritmos dos gestos são dados pela mão que leva o pincel até a tela. Há atenção e cuidado em toda parte. Quando imaginamos um professor, o que nos vem à cabeça?

Nos fragmentos do diário descrevo uma aula, fora da escola, mas que se constitui como aula. O ateliê está aberto, não é mais o espaço individual do fazer de Nilton, existem ali outras três pessoas que se colocaram dispostas. Nilton não se coloca como professor, mas naquele instante, o seu fazer é a transmissão de algo a alguém, e não mais a pintura ou a ilustração. Quando fala sobre a escola, ou sobre a aula de arte, ele destaca o cuidado com as ferramentas, o fazer do artista e o colocar o nome atrás da folha, como essenciais. A transmissão não é de um saber ou de palavras pré-estabelecidas e decoradas, mas do cuidado e da matéria de estudo.

O professor cuida assim do mundo, essencialmente, do mundo pela janela que representa sua matéria. No caso de Nilton, a arte - suas ferramentas, suas palavras e gestos. Cuida também *dos que chegam*, de seus alunos ou estudantes, mesmo sem saber de onde vieram e para onde vão após a aula, qual o seu tempo passado ou seu tempo futuro. Isso de cuidado, é o mesmo que transmitir um cultivo. Cultiva-se algo para sobreviver, como o alimento; para desenvolver uma habilidade; para conhecer; mas como ele destaca, o ensino é sempre permeado por um *para quê*. Cultivar o estudo ou o fazer, como coloca Jorge Larrosa, “[...] trata-se de

separar um espaço e um tempo em que as coisas sejam feitas por amor, isto é, por si mesmas, isto é, porque valem a pena.”<sup>28</sup> Pode ser que se alcance novas habilidades, conheça mais sobre algo como o cultivo de uma semente; pode ser que nunca descubra de fato se a semente era ou não estéril, mas o cultivo, o cuidado e a atenção estavam ali, e por isso, já valem a pena.

Também estive com Nilton nas escolas em que dá aulas. O fato de estar em turmas de crianças de dois anos até o fim do ensino fundamental, me deixava instigada. Duas escolas diferentes, com visões e modelos de ensino distintas. Em uma a aula de arte ocorre em um espaço específico, os alunos saem de suas salas de aula e vão para o espaço, uma espécie de oficina de arte. Não há cadeiras enfileiradas, mais apenas três mesas grandes, os alunos ficam sentadas lado a lado. O professor passa o exercício oralmente e depois permite que o façam, seja na oficina, ou em outros espaços da escola. Na outra escola, o professor segue o ritmo mais comum ao nosso imaginário, a cada aula direciona-se à uma sala e encontra com os seus alunos.

Assim como Juvenal escreve no quadro o nome de João Guimarães Rosa, Nilton escreve o nome da artista que guiará a aula, trata-se de Regina Silveira. O exercício, a partir do livro, destina-se à construção de um poema-receita como o da artista, mas agora sobre o jovem brasileiro. Com a ajuda dos alunos, Nilton escreve no quadro características desse jovem. Em outra turma, dessa mesma escola, mas com crianças de três anos, o professor projeta imagens em *slide*, enquanto prepara os materiais. As imagens são de desenhos dos alunos e também do artista Matisse, alguns dos alunos reconhecem os desenhos. Após um tempo, uma folha de desenho é entregue para cada um deles e Nilton percorre a sala com uma caixinha de giz de cera, pedindo para que escolhessem uma cor. Todos desenham. Ao fim da aula, ele estende pela sala um varal, e em seus pregadores coloca o desenho de cada aluno e pergunta se sabe reconhecer qual é o seu.

Durante a aula, os gestos e palavras de Nilton convocam o cuidado com o espaço, com os materiais e com aquilo que se coloca no papel. Há também o cuidado com o estudo em si, qual o nome do artista não é algo secundário. O ato de reconhecer qual é o seu desenho representa a história do aprendiz e do sábio, se eles olharam apenas para a colher ou apenas para a paisagem. É o modo de ver se o processo de cultivo foi realizado com cuidado e atenção.

Em um “jornal informativo” de uma das escolas em que trabalha, Nilton escreveu um pequeno texto sobre a “EXPERIÊNCIA CONTEMPORÂNEA EM ARTE”. Nele, uma pergunta aparece: “*por que aprender e vivenciar a experiência artística se não sou nem pretendo ser artista?*”, ele continua a provocação respondendo:

---

<sup>28</sup> Jorge Larrosa, *Esperando não se sabe o quê*: sobre o ofício de professor, p.303.

Porque a arte nos permite recompor a experiência humana em sua totalidade; porque a experiência da arte nos ensina a enfrentar nossas fragilidades psicológicas; porque a arte nos ajuda a nos situar diante de um universo fragmentado pelo excesso de informação. E sobretudo porque nos devolve nossa humanidade quando nos ensina que a vida é bem maior que a Arte.

*Porque a vida é bem maior que a Arte* se deve continuar. Porque ela em suas diversas formas, representa a vida, o mundo, nós e os outros. Na sala de aula, Nilton transmite cuidado, escreve o nome da artista no quadro e fala sobre ela com amor. A aula narrada por ele, quando sentamos para conversar, enche-nos de vida em seus inúmeros detalhes. A aula real, na sala ou na oficina, é permeada pelo espaço e pelo tempo escolar, pelos alunos que se envolvem e pelos que deixam o tempo passar, a olhar as horas no relógio.

O cuidado como palavra que conta a experiência do fazer é o cultivo. A trajetória que leva o sujeito-fazedor a se reconhecer no que faz e a fazer porque sabe que vale a pena, porque ama cuidar do que suas mãos fazem. O professor não somente faz a aula, não somente atua. Ele cuida do estudo, de sua matéria, de suas ferramentas, dentro e fora do seu lugar. Na sala de aula, ele transmite o cuidado, ato que só é possível se esse for morada dentro dele.

## MARCAS

*Eu estou aqui.*

Ao fazer deixamos marcas no mundo. Em muito você já deve ter ouvido que alguém cumpriu o seu destino, sua tarefa ou seu legado. As marcas são como um registro no tempo e no lugar, do fazer cotidiano. Quando disse que poderia lhe entregar meu caderno, pois nele existia o percurso de pesquisa, mas que havia algo mais, algo que somente poderia ser preenchido por esse movimento, essa escrita, essa nossa janela, talvez em muito falava sobre as marcas. O presente texto, que agora caminha para seu fim é uma marca, um registro em palavras escritas do fazer da pesquisa. Pode ser visto pela finalidade de adquirir um diploma – Licenciada em História, como um meio para um fim. Pode também ser visto como um real *preciso lhe contar*, mesmo sem saber quem você é, o que você faz e se um dia terei alguma

resposta sobre sua leitura, mas uma necessidade íntima de desejar dirigir minhas palavras a alguém, de deixá-las registradas.

Um vidraceiro deixa marcas, o seu jeito único de fazer vidros para janelas e portas. O artista também deixa seus quadros, suas obras. O pedreiro deixa suas casas, o passar da massa, o assentar do piso, mesmo que o projeto seja do engenheiro ou arquiteto. Quais marcas deixam os professores? Para muitos elas se constituem pelos seus alunos, aquilo que se tornaram depois da formação; suas palavras, aquelas que continuaram vivas naqueles que a ouviram; os seus exercícios; suas aulas. Sennet diz que “O fabricante deixa uma marca pessoal de sua presença no objeto.”<sup>29</sup> O professor assim, deixa sua marca na forma como está presente e faz presente sua matéria.

É imediatamente perceptível a presença do professor que habita plenamente a sua sala de aula. Os alunos a percebem desde o primeiro minuto do ano, nós todos temos essa experiência: o professor acaba de entrar, ele está totalmente lá, e isso se vê pela sua maneira de olhar, de cumprimentar os alunos, de se sentar, de tomar posse da mesa. Ele não se dispersou por medo das reações deles, ele não está fechado em si mesmo, não, ele está por dentro do que faz, logo no começo ele está presente, distingue cada rosto, a turma existe sob o seu olhar.<sup>30</sup>

As marcas são a possibilidade de visualizar o trabalho realizado, de reconhecê-lo. Não são um retrato de quem as faz, mas de como faz, em outras palavras, não representam o sujeito (no sentido da superioridade do eu), mas sim, do uso de suas mãos. Assim, marcam mais do que a matéria, mas também suas ferramentas. Meu pai carregava uma mochila sempre que ia trabalhar, seu ofício era autônomo, construía casas, ou como disse na carta aberta, dava forma aos sonhos dos outros. Sempre colocava alguma ferramenta na mochila, uma furadeira, uma serra mármore, trena, entre tantas outras. Em casa, guardava cada uma em uma caixa de madeira. Cuidava delas para preservar da poeira, da água, do calor.

Cada fazer possui seus próprios instrumentos. Nilton, Juvenal e Sebastião, carregam o giz ou a caneta de quadro, o apagador, os livros. Mas cada um é professor de determinada matéria, e essa em si, possui as ferramentas que a caracterizam. Nilton ocasionalmente anda com alguma tinta na bolsa, um pincel, avental, e na oficina ou na sala de aula, possui folhas com gramatura diferentes. Sebastião, pode em determinado momento precisar estar com um mapa, um globo ou atlas. Juvenal carrega um livro, uma música. A estrutura escolar e as

---

<sup>29</sup> Richard Sennet, *O artífice*, p.148.

<sup>30</sup> Daniel Pennac, *Diário de Escola*, p.105.

ferramentas citadas como o quadro e o giz, em si fornecem elementos necessários para a aula, os de Nilton, Sebastião e Juvenal fornecem o cultivo de sua matéria.

As ferramentas na mochila ou na mala (como a de Juvenal que parecia carregar o mundo), bem como as ferramentas e tecnologias escolares, são a maneira como damos forma ao que fazemos. São através delas que cultivamos o fazer. Assim como são elementos que em si, conferem atenção e cuidado, são também instrumentos de amor. Como ao imaginar um determinado sujeito-fazedor, criamos imagens sobre seu lugar, seu tempo, e suas ferramentas, elas mais do que elementos de reconhecimento, são um modo de ver o cuidado e o envolvimento do sujeito com o que faz. Possuem a marca do tempo, do uso, do envolvimento com o fazer e carregam histórias.

As marcas que ficam, que construímos, são como um grito – EU ESTOU AQUI. Há alguém, um sujeito que se fez presente durante o fazer, que habitou um lugar, interno e externo, que falou palavra, sentiu o tempo ou deu-se tempo para o cultivo, cuidou da matéria, do ritmo, das ferramentas, que afetou-se com o seu trabalho, mas também deixou-se sair para fora de si, despedir-se. As marcas que ficam, pode-se dizer, são marcas da experiência do fazer. Não são horas trabalhadas ou vivências acumuladas, são tempo, lugar e cuidado, são presença.

## PRECISO LHE CONTAR

*Nacer es tiempo. Es necesitar disponer de tiempo. Tiempo que contar para poder vivir, tiempo que vivir, para poder contar. Nacer es tener que vivir una vida relatada.*

Fernando Bárcena

A despedida sempre ocorre, seja no início como em nosso movimento ou ao fim. A escrita desse trabalho, desse texto, dessa nossa janela, ou dessa grande carta, começou com uma despedida por dois motivos: um deles é por ser em si, uma forma de abrir-se ao ouvir (ou ler) a palavra do outro, para deixar de colocar-se no centro, um entregar-se à experiência. Mas primeiramente pelo *preciso lhe contar* ter nascido a partir da despedida, da ausência sentida diariamente junto com o desejo constante de poder contar a meu pai, os meus caminhos. Como você pôde perceber, o caminhar é dedicado a ele, que durante toda sua existência, mais do que me ajudar a sobreviver ou segurar minhas mãos e dançar comigo quando criança, me mostrou a beleza do trabalho bem-feito amorosamente, e deixou marcas em mim enquanto viver. A despedida gera medo, insegurança, tristeza, assim como os pais que deixam a criança na escola. Por vezes me senti sozinha, sem chão, em um mundo desconhecido. Por vezes, quis gritar – EU QUERO MEU PAI! Há algo que vai e não volta mais, como o colo, o sorriso e o abraço do reencontro, o olhar de orgulho ou simplesmente, a presença. Há algo que fica, como as marcas, o jeito de cuidar das ferramentas e colocá-las na mochila, o falar simples, as conversas sobre o fazer.

Embora esse caminho tenha sido trilhado por mim, pelas leituras, pelas motivações pessoais e lembranças constantes de meu pai em cada palavra escrita, desejo que ao fim, tenha lhe contado sobre a experiência do fazer, sobre a escola mágica e um pouco do que é isso de se ver como um(a) professor(a). Despedir-se de si não quer dizer que sua face não apareça, que simplesmente nos transformamos em uma máquina que reproduz saberes, sem sentimentos, sem humanidade. Apenas toma forma de manifesto, contra a supervalorização do sujeito acima de tudo e principalmente, do mundo e do outro. Inúmeras vezes, durante o percurso, perguntei-me sobre como isso poderia ser algo *público*, ou seja, de todos, para todos e não somente de mim e para mim. Espero que ao fim, todas as histórias que permeiam esse trabalho, todas as

citações que dão a ler e a continuar a estudar, sejam uma forma de dizer (assim como Nilton) que a vida é bem maior.

O trabalho pode ser a forma da vida ou como damos forma a ela, como sustentamos nosso existir. Cada sociedade e cada tempo entende-o de determinada maneira, e aqui, não se propôs delimitar essas diferenças temporais e espaciais, mas pensá-lo por si mesmo, ou ao menos, humanamente, refletindo sobre ele através do sujeito-fazedor, aquele que dá forma ao seu fazer. As palavras, que tanto reforcei serem o chão do caminho, tornam tudo possível – isso de estar aqui, agora, escrevendo para você. A abertura, talvez seja o convite, feito a mim, a ti, e a todos os sujeitos que por aqui passaram. A abrir as portas do coração, os olhos ou as janelas. Se você chegou até aqui, provavelmente não decidiu fechá-las. É um convite. A experiência não é algo dado, natural, ou intimado. Somente o indivíduo que se coloca disposto e aberto, consegue sentir e ir além. O lugar é aquele que habitamos e que habita em nós, é mais do que estruturas de concreto e paredes, é palavra – significa. A escola como lugar é ao mesmo tempo espaço disciplinador e reproduzidor de hierarquias para muitos, e a possibilidade de um lugar igualitário e mágico, para outros. Mas em suma, continuo defendendo sua vida como lugar público, para todos. O tempo, coloca-se cada vez mais acelerado e cobrado, envolto pelo vocabulário empreendedor. Mas continua-se assim como na luta pela escola, defendendo-o como um tempo comum, desacelerado, humano. O cuidado como uma forma amorosa de estar diante do fazer, diante de algo ou alguém, em um tempo suspenso, em um lugar que é morada. As marcas são tudo isso, tudo que carregamos, que construímos, que representa as marcas de nossas mãos e não a nós mesmos, mãos que já são coisa outra, assim como as pinturas na caverna.

Preciso lhe contar, já te disse tanto! Se contássemos todas as palavras ditas, no fim, saberíamos que ainda há muito a continuar. Continuamos, porque no fim sabemos que há algo que fica e que o olhar cuidadoso por si mesmo vale a pena. Contar-lhe o caminho, foi como um convite à estar comigo; ouvir as histórias do pai de Sebastião, as fábulas que dizem também indiretamente sobre o lugar e o fazer; à degustar as palavras; imaginar os gestos e vestimentas de Juvenal, seu olhar envolto pela contação, apaixonado ou cansado e desanimado; escutar através da leitura o seu “*Ô de casa, ô de fora, eu estou chegando agora!*”; refletir sobre o ensino como a transmissão do cuidado com as palavras de Nilton.

Pode-se dizer ao fim, que o caminho não terminou. A gente continua. Há tanto para se dizer sobre a educação, sobre a experiência, sobre o fazer humano, sobre a vida. Se nascemos para algo, provavelmente foi para poder sentar debaixo do pé de jabuticaba e contar a vida, para dedicarmos tempo ao ouvir ou ao narrar. Por isso, deixo parte de mim aqui, não (somente) como encerramento de um curso, de um texto ou de uma carta, mas como um manifesto, uma forma

de mantermos as palavras. Siga lutando pela escola, pela educação, pela sala de aula, pelo fazer que se encontra aberto à experiência. Que as palavras permaneçam.

Que não nos falte palavra, o chão que nos sustenta, a leveza de doar-se. Que não nos falte o sabor da palavra do outro, do sentir e ser afetado pela palavra. Que não nos falte *o preciso lhe contar*, que a vida seja um eterno experienciar, e uma busca contínua por formas de nomear e narrar o mundo. Que não nos falte palavra escrita com giz no quadro, dessas que anunciam o estudo, o exercício, a descoberta. Que não nos falte palavra que reconheça o nome do aluno, a sua ausência, a sua presença. Que não nos falte *o preocupa*, a *saudade*, e tudo aquilo que ela carrega. Que não nos falte a despedida, ou a coragem da despedida. Que não nos falte cuidado, esse gesto primordial do fazer. Que não nos falte motivos para nascer, renascer, para começar e continuar. Que não nos falte a luta constante, pela escola, pela aula, pela palavra – pública. Que não nos falte o olhar atento e cuidadoso, mesmo em tempos tão difíceis. Que não nos falte vida, mesmo em dias sombrios. Que não nos falte palavra, o chão que nos sustenta, a leveza de doar-se.

Preciso lhe contar,

Querido (a) leitor(a).

## REFERÊNCIAS

BÁRCENA, Fernando. **El delirio de las palabras: ensayo para una poética del comienzo**. Herder, 2004.

BÁRCENA, Fernando; LARROSA, Jorge; SANGRÁ, Joan-Carles Mélich. **Pensar la educación desde la experiencia**. Revista portuguesa de pedagogía, p. 233-259, 2006. Disponível em: <<https://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/view/1157>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. **Lugar geopsíquico: contribuições da psicanálise para uma epistemologia da geografia**. 2019. 172 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/333895>>. Acesso em: 20 set. 2019.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. Unesp, 2003.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

KIAROSTAMI, Abbas. **Nuvens de Algodão**. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

LARROSA, Jorge (Org.). **Déjame que te cuente: Ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Laertes, 1995.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista brasileira de educação, n. 19, 2002. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/275/27501903/>>. Acesso em: 26 março 2019.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LARROSA, Jorge (Org.). **Elogio da Escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: Sobre o ofício de professor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. **P de professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela: edição com manuscritos e ensaios inéditos**. Editora Rocco, 2017.

LÓPEZ, Maximiliano Valerio. Sobre el Estudio: ocio, melancolía y cuidado. **Teoría de la Educación. Revista Interuniversitaria**, v. 31, n. 2 (jul-dic), p. 69-86, 2019. ISSN 2386-5660. Disponível em: <<http://revistas.usal.es/index.php/1130-3743/article/view/teri.21145>>. Acesso em: 20 out. 2019.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. 7. ed. São Paulo: Global, 2012. 63 p.

PENNAC, Daniel. **Diário de escola**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

PLANELLA, Jordi. **El oficio de educar**. Barcelona: Editorial UOC, 2014.

SENNETT, Richard. **O artífice**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor**. Cad. CEDES, Campinas, v. 25, n. 66, p. 249-259, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622005000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000200007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 abril 2019.

THOMPSON, E. P. "Tempo, disciplina e capitalismo industrial" In: **Costumes em Comum: Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **A vida em comum:: ensaio de antropologia geral**. São Paulo: Unesp, 2014. 223 p.